



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Centro de Ciências Humanas - CCH
Mestrado em Psicologia

Liliany Loureiro Pontes

**A Entrega do Filho ao Poder Público – Impasses do
feminino à luz da Teoria do Falo**

**The return of the son to the government – Doubt
females to the Theory of the Phallus**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Liliany Loureiro Pontes

**A Entrega do Filho ao Poder Público – Impasses do
feminino à luz da Teoria do Falo**

**The return of the son to the government – Doubt
females to the Theory of the Phallus**

Dissertação apresentada à Coordenação do curso de
Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza –
UNIFOR, como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientador: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Fortaleza - CE
Universidade de Fortaleza - UNIFOR
2009

P813e Pontes, Liliany Loureiro.
A entrega do filho ao poder público – impasses do feminino à luz da
teoria do falo / Liliany Loureiro Pontes. - 2009.
114 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2009.
“Orientação: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro.”

1. Psicanálise. 2. Subjetividade. 3. Relações mãe-criança. 4. Poder
público. I. Título.

CDU 159.964.2



Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Mestrado em Psicologia
Sujeito, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade

Dissertação intitulada “A Entrega do Filho ao Poder Público – Impasses do Feminino à Luz da Teoria do Falo”, de autoria da mestranda Lilianny Loureiro Pontes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro – UNIFOR – Orientador

Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins – (UNB)

Profa. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins – (UNIFOR)

Fortaleza, 12 de novembro de 2009

Visto: Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz - Fortaleza, CE - 60.811-905 - Brasil - tel: 55 (0**85) 3477-3000

*Este trabalho é dedicado
a minha **mãe**:
aquela que me deu a possibilidade
de voar tão alto,
mas que a todo momento me pede
para ter cuidado
com os meus vôos.*

Agradecimentos

A Deus, por me assistir na vivência de mais este desafio;

A minha irmã Ana Kariny, por me apoiar de tantas maneiras

ao longo desta caminhada;

Aos parentes que torcem pelo meu sucesso;

Aos amigos que estiveram ao meu lado fortalecendo

o meu bom ânimo;

Ao meu analista que emprestou um “certo” humor refinado

às dores dessa trajetória;

Ao Prof. Henrique F. Carneiro, que me surpreendeu,

tantas vezes, com gratas contribuições teóricas e humanas;

Ao LABIO (Laboratório sobre as novas inscrições do objeto),

espaço de discussão e construção permanentes;

À Secretaria de Assistência Social e Cidadania do município de Maracanaú,

que autorizou a realização da pesquisa em seus equipamentos;

Ao feminino que expôs sua história e enriqueceu este trabalho

RESUMO

Esta dissertação trata dos impasses do feminino diante da entrega do filho ao poder público, considerados à luz da Teoria do Falo. Tem como objetivo geral conhecer os significados que as mães atribuem aos filhos entregues ao poder público, através da história de vida e escolhas efetuadas. Os objetivos específicos, são: a). Investigar a história de vida de cada mulher, identificando as relações e acontecimentos relevantes; b). Caracterizar as escolhas de objetos fálicos e que, inferências se podem fazer para justificá-la; c). Evidenciar o significado para cada mãe, do filho deixado aos cuidados do poder público; d). Considerar as relações entre as vivências maternas anteriores e a decisão de entregar o filho ao poder público no presente. O estudo tem como referência o saber psicanalítico, com recorte no discurso de Freud e Lacan, bem como autores contemporâneos que favoreçam a compreensão da temática. A pesquisa é de natureza qualitativa, com investigações teórica, documental e de campo. Para a coleta de dados, foram utilizados relatórios institucionais e entrevistas semiestruturadas, realizadas com uma amostra de cinco mulheres que têm crianças abrigadas em duas instituições (abrigos), de alta complexidade, da proteção especial, da Secretaria de Assistência Social e Cidadania do município de Maracanaú-Ce. Na organização e análise do material coletado foram consideradas quatro categorias: 1. As vivências maternas com seus cuidadores; 2. As vivências maternas nas relações sociais; 3. O sentido atribuído à criança e 4. O lugar da instituição-abrigo na vida de cada família. Tomando como referência o percurso empreendido, pode-se concluir que a entrega do filho ao poder público diz de um apelo ou de uma sinalização para uma leitura de que a mãe, enquanto sujeito desejante sofre um desencontro com o que se espera dela socialmente. O sujeito reclamado tem certas dificuldades para ocupar seu papel de mãe, pois se constituiu a partir de outros personagens que não se dedicaram às relações de afeto e de lei, o que implicou numa resistência para a construção das relações entre essas mulheres e as crianças por elas geradas.

Palavras-chave: Feminino; Filho; Falo; Poder Público; Psicanálise.

ABSTRACT

The dissertation deals with the predicament of women before the delivery of the child to the government, considered in light of the Theory of the Phallus. Its overall objective is to know the meanings mothers attributed to their children returned to the government, through the history of life and choices made. The specific objectives are: a). To investigate the life history of each woman, identifying relationships and relevant events, b). To characterize the choices of phallic objects and the inferences that can be made to justify them, c). Highlight the significance for each parent, the child left in the care of the public d). Consider the relationship between maternal experiences before the decision to deliver the child to the public at present. The study has reference to psychoanalytic knowledge, with clipping in the speech of Freud and Lacan, as well as contemporary authors to promote the understanding of the subject. The research is qualitative, with theoretical research, document and field. To collect the data were used institutional reports and semi-structured interviews with a sample of five women who have children housed in two institutions (shelters), high complexity, special protection, the Department of Social Welfare and Citizenship, the municipality Maracanaú-Ce. The organization and data analysis were considered four categories: 1. Maternal experiences with their caregivers, 2. Maternal experiences in social relations, 3. The meaning attributed to the child and 4. The place the institution under the life of each family. Compared with the course undertaken, we can conclude that delivery of the child to the public with an appeal or a sign for a reading of the mother as desiring subject suffers from a mismatch with what is expected of it socially. The subject has claimed some difficulties to take their role as mothers, as it was from people who do not have dedicated themselves to loving and law, which implied a resistance to the construction of relationships between these women and children by them generate.

Keywords: Female; Son; Phallus; Government; Psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – apor.wordpress.com/2007/07/salvador dali	21
Figura 2 – atuleirus.weblog.com.pt	37
Figura 3 – educators.mfa.org	49
Figura 4 – urbanidades_madeira.blogspot.com/2007	60
Figura 5 – Termos frequentes nas questões sobre o tema FAMÍLIA.....	71
Figura 6 – Termos frequentes nas questões sobre o tema SOCIEDADE..	80
Figura 7 - Termos frequentes nas questões sobre o tema FILHO.....	91
Figura 8 - Termos frequentes nas questões sobre o tema INSTITUIÇÃO.	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	67
Quadro 2: Mapa de associação de ideias para organização de categorias.....	70
Quadro 3: Relato de vivências com membros da família e cuidadores.....	73
Quadro 4: Relato de vivências com parentes, companheiros e amigos.....	82
Quadro 5: Relato de vivências a partir da maternidade e significados atribuídos ao filho.....	94
Quadro 6: Relato do acesso da criança ao abrigo e da representação da mãe sobre esta instituição.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA	20
1.1 A constituição subjetiva no discurso freudiano e a Teoria do Falo.	21
1.2 A constituição subjetiva no discurso lacaniano e a Teoria do Falo.....	26
1.3 Peculiaridades do feminino	31
1.4 Conclusão parcial	33
CAPÍTULO 2: OS ATRAVESSAMENTOS SUBJETIVOS	35
NA ESCOLHA DO OBJETO	35
2.1 Escolhas Objetais – uma leitura de Freud.....	36
2.2 Escolhas objetais – uma leitura de Lacan	40
2.3 Conclusão parcial	44
CAPÍTULO 3 – A REPETIÇÃO: DESENCONTROS NO SOCIAL	47
3.1 A repetição em Freud.....	48
3.2 A repetição em Lacan	53
3.3 Conclusão parcial	55
CAPÍTULO 4 – PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS	58
4.1 O que pesquisar.....	59
4.2 Características da pesquisa.....	60
4.3 A pesquisa de campo.....	62
4.4 Os sujeitos da pesquisa.....	63
4.5 Entrevistas e Categorias.....	65
4.6 Análise dos dados.....	69
4.6.1 <i>Categoria: As vivências maternas com seus cuidadores.</i>	69
4.6.1.1 Análise da Categoria: As vivências maternas com seus cuidadores.....	71
4.6.1.2 Discussão da Categoria: As vivências maternas com seus cuidadores.....	74
4.6.2 <i>Categoria: As vivências maternas nas relações sociais.</i>	78
4.6.2.1 Análise da Categoria: As vivências maternas nas relações sociais.....	81
4.6.2.2 Discussão da Categoria: As vivências maternas nas relações sociais.....	83
4.6.3 <i>Categoria: O sentido atribuído à criança</i>	89
4.6.3.1 Análise da Categoria: O sentido atribuído à criança	92
4.6.3.2 Discussão da Categoria: O sentido atribuído à criança.....	95
4.6.4 <i>Categoria: O lugar do abrigo na vida de cada família</i>	99
4.6.4.1 Análise da Categoria: O lugar do abrigo na vida de cada família.....	102
4.6.4.2 Discussão da Categoria: O lugar do abrigo na vida de cada família.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

Este estudo nasce de uma prática psicológica em uma instituição de assistência social onde me deparei com a demanda de mães que solicitavam do poder público o “livrar-se” de um incômodo, o filho.

Esta situação me causou certo espanto em função da expressão objetiva com que a rogativa chegava. Até então, já havia escutado mães que apresentavam certa culpa/angústia por desenvolverem sentimentos ambivalentes em relação aos filhos. Mas aquelas mulheres me falavam de uma clareza, sem metáforas, sobre a vontade que as mobilizava. Nos casos da instituição em que trabalhava, a mãe em geral, solicitava certa urgência em resolver a saída da criança de sua responsabilidade.

Quando iniciei o atendimento das mães, entrei em contato com outros colegas da psicologia social, na expectativa de obter outros dados para análise ou considerações sobre a problemática. A referência que obtive foi que havia certa frequência por esta mesma possibilidade em outros municípios, ou seja, não era apenas em Maracanaú-Ce, onde eu estava ouvindo e me surpreendendo com aquele discurso, que a procura pelo poder público estava acontecendo.

O contexto em que se desenhava essa problemática tratava de uma população desfavorecida, em geral, exposta a situação de risco, seja de ordem financeira, de falta de segurança, de ausência de atendimento médico, de escolas incipientes, enfim, dependendo do lugar, até o fato de ser área limítrofe entre municípios funcionava como agravante da situação. Este é o cenário social da pesquisa.

Quanto à questão subjetiva, a trama se desenrolava com certa repetição, de acordo com a seguinte descrição: a mulher tinha um filho e esperava entregá-lo ao

estado; a criança, por sua vez, esperava da mãe alguma referência, e, não tendo, começava a causar problemas no social, que cobrava da mulher alguma atitude sobre a criança, mas ela não queria o filho, daí o social começava a vê-lo como “o problema”, e a mulher era questionada.

Diante desse enredo, vê-se aquela que deveria facilitar a inserção do filho na cultura criar inúmeros obstáculos para ele, pela ânsia em não ocupar o lugar de mãe. Era comum a escuta de outras queixas sobre uma criança preterida em que a comunidade ressaltava o descaso materno.

Por outro lado, observava-se o sofrimento psíquico nascido da cobrança social que era feita sobre a mãe em detrimento do sujeito mulher, com a justificativa de proteger a criança, enfatizando as relações em termos de objetiva responsabilidade, minimizando as dificuldades de vinculação possivelmente existentes. No momento em que a queixa era projetada, a criança era ressaltada e a mulher enquanto sujeito, ficava nitidamente descartada, ou submetida a juízos de valor.

Todavia, a criança enquanto objeto, precisava ser investida por alguém para se constituir como sujeito, e se inserir no social, sob pena de, não acontecendo essa referência afetiva e de lei, vir a apresentar inúmeras dificuldades com seus vínculos, na aprendizagem, na compreensão de limites, enfim, na vida comunitária.

Com todas essas perspectivas sobre uma mesma problemática, a equipe de trabalho do equipamento da secretaria em questão buscava na psicologia a resposta sobre o que estava acontecendo com estas mulheres, que deveriam cuidar de seus filhos e estavam se negando a ocupar esse papel.

Os outros técnicos, cada qual com sua leitura, compreendiam o acontecimento de forma diversa e, muitas vezes, se detinham nos desafios

imediatos, nascidos da escolha materna. Portanto, o refletir psicológico sobre a temática era mais uma questão que se mostrava como fonte de inspiração para a pesquisa. A cobrança por soluções e respostas dizia de um amor incondicional cobrado pela sociedade àquela que gera seus rebentos.

Em termos práticos, a pesquisa se justificava por apresentar uma questão que se repete em muitos municípios. O fato é que a política de assistência foi implantada em todo o país, foram criados os equipamentos para atender a população, foram chamados os técnicos para atuar, mas as questões subjetivas, embora existam psicólogos na equipe, estão longe de ser contempladas pelos programas e projetos criados pelo governo.

Com frequência, os técnicos das secretarias de assistência social são convidados a pensar em possibilidades de atuação para mediar relações que tratem sobre esse tipo de temática e a romper com pensamentos preconcebidos.

Embora a queixa não seja tão recente, poucas são as contribuições, na área da psicologia, associadas a este tema, que faz certas exigências para novos olhares que possam ampliar a condição de sujeito dos personagens envolvidos, diminuindo as referências de juízos de valor que, tantas vezes, deturpam a visão dos profissionais durante a sua atuação.

Conforme Benhaim (2007):

Que quadro conceitual pode conter a palavra e sua interpretação quando, ali onde estávamos prontos para ouvir o fantasma, no caso materno, e seus efeitos comportamentais determinadores do que está em jogo numa relação com a criança, vem fazer irrupção, não elementos de realidade, mas aquilo que, do real, social, médico, político, transforma essa realidade e confunde as referências transferenciais por um lado, e por outro, a cena psíquica intersubjetiva? (p.103).

Portanto, é no mínimo instigante considerar a relação que se pode fazer sobre o imediatismo exigido pelos conflitos de uma prática psicológica no social com as necessárias ponderações teóricas que remetem o estudioso a novas perspectivas e diferentes visões da questão.

Além disso, pode-se inferir que a repercussão da escolha de cada mulher apresenta desdobramentos de diversas ordens: 1. nos sujeitos – causando sofrimento psíquico ao longo de sua história, pelas cobranças do social que são contraditórios com seus próprios anseios; 2. nas relações familiares – pela dificuldade de vinculação nascida de desencontros e diminuídos investimentos afetivos e 3. na comunidade – por ser o principal contexto em que se desenrolam as articulações subjetivas que parecem deflagrar sujeitos oriundos de famílias com poucos afetos e insuficiente referência de lei; cada um desses pontos exige do profissional atento considerações que deflagram em pesquisa, pois não se resumem a mera observação de superfície.

Desse viés, a pesquisa ganha relevância por enfatizar a dimensão em que se repercute um problema que, inicialmente, pode parecer pontual. E propõe um debruçar-se sobre a questão para tratar não apenas do sintoma social ou da queixa imediata, mas, para dar expressão ao sujeito que reclama, pede providências, por trás de um fenômeno que se repete.

No que diz respeito ao arcabouço teórico, o ponto de partida que nasce da queixa trata da maternidade. Acontece que este é um fenômeno biológico que ocorre com um sujeito que deve traduzi-lo em termos simbólicos como acontecimento de maternagem para que o ser gerado ganhe status de filho, senão, embora experimentando o parto, a mulher não chegará a ser mãe. Segundo

Badinter citando H. Deutsch (1985), a primeira condição de uma boa maternagem reside na capacidade de adaptação às necessidades do filho, isto é, no prolongamento no plano psicológico, durante várias semanas após o seu nascimento, da relação biológica intra-uterina (p.309).

Daí é importante evidenciar que a maternagem, sendo vivida ou não, passa por um sujeito, uma mulher e é nesse personagem que espero focalizar, uma vez que foi a sua escolha que inspirou toda a pesquisa.

Quando me questionava sobre o mal-estar sentido enquanto pesquisadora por trás da queixa advinda de variadas frentes, o foco do meu raciocínio sempre se dirigia ao feminino, à escolha dessa mulher, que na fala que reclama parece tão negligenciada. A todo o momento, minha dúvida tratava dos desejos dessa mulher, o que quer essa mulher, o que significa essa negligência tão ressaltada? E, para tanto, precisava me remeter ao sujeito que podia dizer algo sobre si.

Pensar nessa mulher como sujeito me remete à constituição subjetiva e as suas próprias vivências parentais, ou seja, antes de me deter na reflexão à queixa sobre o não querer de uma mãe, minha tentativa é de conhecer algo sobre a história desta representante do feminino.

E, dentre tantas possibilidades de leitura da realidade, utilizo-me da teoria psicanalítica e de seus conceitos, que acentuam a importância da construção de um desejo, que se desenrola através de um percurso, com investimentos afetivos, ao longo de uma história, com a participação de outros personagens, que se traduzem com peculiaridades próprias do feminino, mostrando que não basta questionar sobre o fato imediato, mas é necessário ampliar o olhar sobre as relações que possibilitaram a construção desse fato.

Por outro lado, dizer algo sobre essa mulher ainda não representa a queixa inicial em relação aos filhos preteridos, pois, afinal, o que gostaria de saber não é exatamente por que ela não quer determinada criança?

Com base nos clássicos da psicanálise que valorizam sobremaneira a expressão simbólica, nos pré-julgamentos que chegavam através das solicitações de providências e na curiosidade de pesquisadora em saber algo do discurso dessas mães sobre os filhos preteridos nasceu a possibilidade de investigar sobre os significados atribuídos, por estas mulheres, aos seus filhos entregues ao poder público; contribuição que acredito importante e possível para esse estudo, uma vez que tratar do que quer uma mulher não foi tarefa fácil nem para os grandes clássicos da psicanálise.

É importante ressaltar que o estudo preza por algumas variáveis, que já indicam certa escolha discursiva – constituição subjetiva, feminino, escolha de objeto, relação com a lei, repetição inconsciente – que por fim se deu através de um ato analisável à luz da Teoria do Falo, por se acreditar que contemple todas as nuances de que trata a questão-problema trazida da realidade social. De outro modo, acredita-se que a Teoria do Falo ressalta a relação de preferência por objetos significantes a partir de um percurso de subjetivação por que passa cada sujeito ao longo de sua história. Conforme Zalberg (2003):

A lógica fálica que constitui a base da teoria do Édipo defendida tanto por Freud quanto por Lacan, baseia-se no fato de que o pai ocupa um lugar simbólico a partir do qual cabe-lhe regular as posições que a menina ou o menino ocuparão na família e na sociedade. No exercício dessa função simbólica, o pai deve instituir uma primeira separação entre a mãe e a criança na relação fechada que caracteriza os primeiros tempos da vida da criança, esta no início totalmente submetida aos

desígnios maternos. Essa premissa básica da constituição do sujeito é o que a psicanálise chama de castração (p.14).

Toda a construção da proposta de pesquisa e a motivação para a trajetória empreendida baseiam-se nos seguintes pressupostos: 1. que a mãe é antes uma mulher, sujeito do feminino, que tem desejos divergentes das expectativas sociais; 2. que a história de vida da mãe registra escolhas fálicas importantes para a leitura da preferência do filho, a posteriori; 3. que os significados atribuídos ao filho por sua mãe estão intimamente ligados aos significados doados a ela quando criança, por parte daqueles que se ocuparam das funções parentais.

A pesquisa é qualitativa, com estudo bibliográfico e de campo. No estudo bibliográfico, foi utilizado o referencial psicanalítico, com ênfase no discurso de Freud e Lacan, bem como autores que com eles possam dialogar sobre a temática explorada.

É importante ressaltar que não se trata de uma pesquisa clínica, sendo o arcabouço psicanalítico utilizado como sustentação para uma leitura da problemática observada no social. E, por se tratar de uma referência ampla dos conceitos psicanalíticos, foi priorizada a Teoria do Falo por ressaltar a escolha de objeto e suas consequências ao longo da constituição subjetiva.

Quanto à pesquisa de campo, embora o estudo tenha sido motivado por uma prática em equipamentos de atendimento direto aos usuários (CRAS – Centro de Referência da Assistência Social) com objetivo de proteção social básica, para concretizar a coleta de dados foi realizada pesquisa documental em relatórios institucionais, com posteriores entrevistas às mães que tinham crianças abrigadas pelos equipamentos de alta complexidade, pertencentes a Secretaria de Assistência do município de Maracanaú, na proteção social especial.

Ao final dos trabalhos, a dissertação foi organizada de acordo com a seguinte descrição: Capítulo 1 – A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA, que traz as contribuições teóricas sobre o percurso de subjetivação à luz da psicanálise de Freud e Lacan; Capítulo 2 – OS ATRAVESSAMENTOS SUBJETIVOS PARA A ESCOLHA DO OBJETO, que evidencia os aspectos do processo de subjetivação que são essenciais para o ingresso na estrutura desejante e, portanto nas referências de escolha objetais; Capítulo 3 – A REPETIÇÃO: DESENCONTROS NO SOCIAL, que mostra a questão da interferência da estrutura inconsciente, através do fenômeno da repetição, e como esse mecanismo pode implicar em resistência, nas vivências do sujeito no social e o Capítulo 4 – PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS, que apresenta as escolhas metodológicas e a pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1: A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA



apor.wordpress.com/2007/07/salvadordali

Este capítulo apresenta a trajetória de subjetivação de cada ser humano, segundo o saber psicanalítico. Uma vez que foi cogitada a perspectiva de que existe uma mulher por trás de cada mãe, proponho iniciar este estudo, evidenciando o sujeito que caracteriza esta mulher, demarcando algumas peculiaridades que resultam em certos impasses próprios dos traços femininos, para ampliar as

considerações sobre a temática que se deseja explorar ao longo deste trabalho e favorecer a escuta desses personagens de quem se reclama.

Para ilustrar o tema, assinalo ainda a figura 1, que parece contemplar o discurso que virá a seguir, e que interpreto como aquela de que depende cada um de nós ao nascer, para sair da condição de objeto e conseguir ingressar no campo do desejo, se inserir no âmbito da cultura.

Início, então, com esta figura fálica, que tem o “poder” de nos dar a vida não só biológica, mas, principalmente, simbólica, uma vez que é do investimento de seu próprio desejo que despertamos para a vida além da necessidade.

Ao longo deste capítulo, serão considerados os conceitos que tratam do processo de subjetivação segundo os clássicos Freud e Lacan, evidenciando as características que marcam os traços do sujeito feminino.

1.1 A constituição subjetiva no discurso freudiano e a Teoria do Falo.

A perspectiva que se desenha aqui vem ao encontro do anseio de novos olhares sobre aquela de quem se reclama, enquanto uma personagem que não desempenhou seu papel social – a mãe que entrega seu filho para abrigamento.

O autor que utilizo para colaborar nesse estudo apresenta uma luz sobre as construções do psiquismo que foram inovadoras dentro do contexto histórico que veio a ser lançado e que ainda hoje surpreende alguns saberes, por tratar de aspectos não palpáveis, mas muito contundentes na rotina subjetiva das relações humanas.

Com Freud (1905/1996a) se inaugura uma nova visão sobre o ser humano, que é entendido pela instância do inconsciente, estrutura essa regulada pelo desejo

que se manifesta de forma constante, pois jamais cessa de se apresentar, ainda que parcial, pois jamais plenamente se realizará.

Em suas pesquisas sobre as pacientes histéricas, o então médico acabou por concluir que existia algo para além do estado de consciência. Essa estrutura – o inconsciente – seria responsável por armazenar conteúdos que são recalçados no estado de vigília para benefício de nossa saúde mental, e alimentaria nossos afetos conscientes dando-nos alguns sintomas ou traços involuntários por tratar-se exatamente de escapes parciais (Freud, 1905/1996a). Tais explicações se encontram na chamada primeira tópica freudiana e alimentaram as elucidações iniciais sobre as razões dos sintomas histéricos que nasciam de aspectos para além do orgânico observável.

Até então era improvável pensar a estrutura inconsciente conforme se apresenta no discurso freudiano, uma vez que a conotação era carregada de outros sentidos. A partir daqui, tanto se compreende que o sujeito é regulado quase que inteiramente por essa instância, como Freud vai mais além, mostrando que a construção desse mecanismo se dá desde a infância, através do investimento materno, que alimenta a energia sexual que nos permite ingressar no mecanismo que chama de circuito pulsional (Freud, 1905/1996a), fonte de inspiração para toda e qualquer iniciativa em nossa vida, responsável por nos levar do campo da necessidade ao desejo.

Segundo o autor, o mecanismo pulsional tem início a partir das primeiras vivências infantis, do contato do bebê com o seio materno, tendo a possibilidade de saciar a fome; primeiras estimulações da mucosa oral, associada ao cheiro, ao calor do corpo, enfim à experiência dos sentidos, uma descoberta do prazer para além da

necessidade, uma exploração de diferentes zonas erógenas (partes do corpo como fontes de prazer).

Segundo Freud (1905/1996a):

(...). De início, a atividade sexual se liga a funções que atendem à finalidade de autopreservação e não se torna independente delas senão mais tarde. Ninguém que já tenha visto um bebê reclinar-se saciado do seio e dormir com as faces coradas e um sorriso feliz pode fugir à reflexão de que este quadro persiste como protótipo da expressão de satisfação sexual na vida ulterior. A necessidade de repetir a satisfação sexual desliga-se agora da necessidade de nutrir-se (...). A criança não usa um corpo estranho para sua sucção, preferindo uma parte de sua própria pele porque é mais conveniente, porque a torna independente do mundo exterior, que ela ainda não pode controlar (...) (p.186)

Na relação com sua mãe, a criança vivencia certa simbiose, necessária para as primeiras descobertas de sua constituição subjetiva. É dessa forma que se percebe como sendo parte dela. Nessa fase, o bebê é chamado de perverso polimorfo, pois empreende suas descobertas explorando várias as partes do corpo como fonte de prazer.

À medida que cresce, a criança se utiliza de energia sexual – libido, que parte do corpo e investe sobre os objetos, para avançar pelas fases que o autor denomina de sexuais pré-genitais: oral em que o objeto sexual é a cavidade oral, anal em que o objeto sexual é a cavidade anal e fálica, onde há um predomínio dos órgãos genitais, embora a criança reconheça apenas o órgão masculino. Para Freud (1924/1996g): “O caráter principal dessa organização genital infantil (...) reside em que, para os dois sexos, um único órgão genital, o órgão masculino, desempenha

um papel. Não existe, portanto, um primado genital, mas um primado do falo.”
(p.117)

Nesta etapa, a criança se depara com uma série de mudanças que facilitarão sua inserção no campo da cultura em momento posterior, uma vez que tem início um processo de rompimento com a díade materna através da castração, experimentada pela descoberta anatômica. Paulatinamente, a criança é apresentada pelo personagem materno à figura paterna, que terá importante papel na constituição desse sujeito. Segundo J.D.Nasio (1997), sobre a castração:

O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali, ela vivia na ilusão da onipotência; dali por diante, com a experiência da castração, terá de aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que o corpo tenha limites, ou seja, aceitar que seu pênis de menino jamais lhe permitirá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação à mãe. (p.13)

Freud (1908/1996b) se detém em esclarecimentos sobre as características dessa delicada etapa, para considerar a relevância de suas consequências nos momentos posteriores. Dessa forma coloca que o menino, por meio da exploração dos genitais, acredita que todas as pessoas têm pênis. Acontece que esta etapa é vivenciada na mesma época em que a mãe apresenta o terceiro personagem da relação, trazendo a função paterna que representa uma ameaça e um limite ao intento da criança de possuir sua mãe. Em sua fantasia, o menino pode acreditar na perda do pênis, caso não abdique de sua mãe.

E, por fim, acaba percebendo que não só algumas meninas não possuem o pênis, mas que sua própria mãe é castrada. Disso resulta uma escolha pela

identificação com a figura paterna e uma busca pelo objeto de amor um dia encontrado na mãe, agora em outras mulheres, na cultura. Assim, têm-se o fenômeno da castração, com a intervenção da figura paterna e, no final da fase fálica, a dissolução do Complexo de Édipo com o recalçamento do desejo dirigido à mãe como objeto de amor.

Após a fase fálica, a criança vivencia, conforme as etapas do desenvolvimento para Freud, um período de latência, e, posteriormente, a entrada na fase genital, com o surgimento das primeiras características da puberdade. E, embora haja esta lógica didática, existem, ao longo de toda a sua vida, traços de etapas anteriores que se apresentam nas fases vindouras.

Quanto à teoria do falo, esta se apresenta ao longo dos escritos freudianos, diluída na forma de considerações em torno do órgão masculino, entendido não apenas como estrutura anatômica, mas principalmente como elemento organizador da sexualidade humana. Segundo J.D.Nasio (1997):

A primazia do falo não deve ser confundida com uma suposta primazia do pênis. Quando Freud insiste no caráter exclusivamente masculino da libido, não é de libido peniana que se trata, mas de libido fálica. O elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a representação construída com base nessa parte anatômica do corpo do homem. (p.33)

O falo é, portanto, mesmo que ainda de maneira muito tímida na estrutura de Freud, um conceito em torno do qual se organizam as estruturas com base nas referências de gênero e suas significações, objeto central para o complexo de castração. É de sexualidade que se fala, mas não de anatomia, e sim das representações psíquicas.

No que diz respeito à construção que se propõe, é relevante ressaltar que o autor enfatiza a necessária intervenção de uma função materna para que o bebê disponha não só de cuidados objetivos, mas principalmente de investimento afetivo, e que esta mesma venha em momento oportuno facilitar a inserção da entrada de uma função paterna, que possibilite o acesso da criança à cultura.

Desse modo, os escritos freudianos fortalecem a ideia de que, por trás de cada mãe reclamada, existem muitos outros personagens que subjazem esta mulher. Reafirmo, através desse autor, a crença já mostrada no pressuposto de que a questão do papel social não exercido é anterior; trata-se, antes, de um não investimento ou pouco investimento ao longo da história dessa mulher que acabou por deflagrar uma dificuldade ao longo de sua constituição subjetiva e vinculação afetiva.

1.2 A constituição subjetiva no discurso lacaniano e a Teoria do Falo.

Para apresentar a leitura de Lacan, parto da prerrogativa de que, ao longo de sua obra, o autor faz diferentes considerações sobre a constituição subjetiva, delineando referências em torno das instâncias do imaginário, do simbólico e do real para considerar aspectos essenciais do vir-a-ser sujeito.

No primeiro período (1932-1953), Lacan pontua o imaginário, e ressalta os cuidados maternos na organização do pequeno ser, que precisa de alguém que favoreça suas limitações corporais, visto que o *infans* se percebe como parte do corpo materno, não tendo noção de sua forma que deve se estruturar a partir de uma captura especular do olhar da mãe.

É através do olhar desejante da mãe que o bebê se enxerga. É o chamado Estádio do espelho, momento em que o ideal de eu da criança se origina pelo outro especular, imagem possibilitada pelo olhar materno. Segundo Lacan (1966), “essa relação erótica em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, aí está a energia e aí está a forma de onde se origina a organização passional que ele chamará de seu eu”.

No segundo período (1953 – 1958), o autor insistiu no primado do simbólico e isto significou dizer que a criança se constituía por um investimento realizado pela figura materna através do seu desejo, que, sendo anterior à chegada do bebê, já o presentificava pela inserção no campo da linguagem. A criança parte de uma imagem de seu corpo, contudo é o que é dito sobre ela, é o que traduz o desejo materno sobre a criança que constitui o eu da criança. Para Vorcaro (1997):

A intervenção do agente da função materna é, portanto, a condição de possibilidade de seu vir-a-ser. O ato de suprimento das necessidades vitais do organismo neonato implica a estrutura desejante do único sujeito aí presente: o que faz função de agente que suporta a linguagem. O infans – em seu puro real orgânico, é investido pelo agente, no lugar de signo de seu desejo. (p.73).

No terceiro período (1960), Lacan enfatiza as questões em torno do real, retomando as observações consideradas na relevância da imagem para a constituição subjetiva, acrescentando, contudo, a ideia de um furo, hiância, causa do desejo que não pode ser recoberto, falta, lugar onde se deve estruturar a linguagem com uma fala que busca tamponar o espaço pulsional, fonte de angústia.

Dito de outro modo, até porque esse autor propõe uma releitura dos textos de Freud, pode-se compreender o processo de subjetivação numa certa

estruturação a partir do Outro, entendido como o conceito que traduz o agente materno, necessário com seu investimento desejante, para permitir que o bebê venha a ser sujeito. Conforme Vorcaro (1997):

O agente materno investe imaginariamente o infans como o que satura o que lhe falta e por isso o deseja, não por uma disposição fisiológica qualquer, mas pela relação imaginária da mulher com a falta. Nesta, o infans desempenha função de signo – instrumento do desejo, falo. (p.73).

Com base nesse investimento desejante, a mãe desenvolve uma relação simbiótica com sua criança, que avança em suas habilidades acreditando ser o exclusivo objeto de amor materno; ela vem atender à falta deixada pela castração vivenciada por sua mãe. Nesse momento, o bebê ocupa o lugar de falo materno, é este objeto primordial, centro de toda a atenção e investimento libidinal, pois representa um símbolo de poder da figura materna. Para a criança, essa relação é fonte de inspiração para tornar-se sujeito desejante, a partir do desejo desse Outro.

Acontece que a simbiose inicial tem um propósito e, uma vez alcançados seus objetivos, a criança precisa avançar em seu processo de subjetivação, pois outras habilidades serão desenvolvidas. Dessa forma, o ser indefeso inicial que precisava de tudo, à medida que cresce vai sendo apresentado ao mundo e a outros personagens que fazem parte da história materna. A criança começa a se dar conta de que a atenção materna se dirige para outros objetos, que são trazidos para seu contexto como função paterna, Nome-do-Pai. Segundo Lacan (1957-58/1999):

O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei, como

todo o desenvolvimento da doutrina freudiana no-lo anuncia e promove. E é nisso que ele é ou não aceito pela criança como aquele que priva ou não a mãe do objeto de seu desejo (p.197)

A figura que faz a intervenção da lei é de suma importância, uma vez que o terceiro que entra na relação chega para quebrar a simbiose entre mãe e filho; realizar a castração em ambos os personagens: na mãe, por não mais possuir o falo (seu filho), e, na criança, por não ser o falo objeto exclusivo do amor materno.

Essa intervenção serve para que o filho perceba que não é a fonte exclusiva do amor materno, uma vez que o olhar da mãe agora está voltado para a figura paterna com a qual o menino se identifica como referência de gênero, pois precisa abdicar dessa mulher como objeto de desejo, pelo corte da lei paterna, que exige dele que busque a satisfação com outros representantes femininos na cultura.

Segundo J.D.Nasio (1997):

O agente dessa operação de corte é, em geral, o pai, que representa a lei da proibição do incesto. Ao lembrar à mãe que ela não pode reintegrar o filho em seu ventre, e ao lembrar ao filho que ele não pode possuir a mãe, o pai castra a mãe de qualquer pretensão de ter o falo e, ao mesmo tempo, castra o filho de qualquer pretensão de ser o falo para a mãe. A palavra paterna que encarna a lei simbólica consuma, portanto, uma castração dupla: castrar o Outro materno de ter o falo e castrar a criança de ser o falo. (p.37).

O sujeito se constitui então a partir de uma referência do desejo do Outro materno que o apresenta ao campo de seu próprio desejo. Esse despertar acontece pelas vivências corporais e pela simbiose com a figura materna que acredita dedicar a ele atenção exclusiva. Na medida em que se desenvolve, a criança se percebe

para além do corpo materno, descobre as diferenças anatômicas e confere ao pênis uma representação de falo imaginário, significação psicanalítica para diferenciar as representações para além do corporal.

No momento seguinte, a criança vivencia a entrada de um terceiro na relação antes d'íade entre ela e sua mãe. Isto possibilitará a inserção do sujeito na cultura com ampliação de seu campo simbólico e percepção de que o falo enquanto objeto valorativo pode ser atribuído a outras figuras encontradas no social, permitindo, inclusive um afastamento necessário da criança do desejo de ter a mãe como objeto sexual – gozar com a mãe. Este intento é justamente o que a referência paterna vem barrar, como um outro falo, na qualidade de significante da lei.

Das considerações lacanianas para a constituição subjetiva, corroboram as ideias já mostradas em Freud, visto que Lacan retoma seus escritos para nortear os conceitos que desenvolve. Porém, especificamente, dos termos utilizados pelo autor ressalta o assujeitamento à ordem simbólica de que cada ser humano é conferido para limite de seu gozo, de acordo com as vivências infantis que irão oferecer as referências de afeto e de lei, que, embora inconscientes, se reafirmam constantemente em nossas experiências cotidianas.

O autor também desenvolve de maneira mais explícita a Teoria do Falo que, em Freud, apenas se anunciava, e deixa uma melhor compreensão do conceito que espera nortear o desenvolvimento psíquico sobre diferentes vertentes: 1. aquele que possibilita a entrada do ser no campo do sujeito; 2. aquele que oferece o modelo de sexualidade para a identificação da criança na fase adulta e 3. a referência para a escolha de objeto inconsciente; que irá favorecer a leitura dos impasses experimentados pelos personagens pesquisados.

1.3 Peculiaridades do feminino

As considerações que foram levantadas ao longo deste capítulo sobre a constituição subjetiva à luz da psicanálise tratam de uma conjuntura geral. Contudo, existem aspectos marcantes nos escritos dos clássicos sobre os traços femininos que são relevantes ponderar, para melhor assinalar a análise do objeto de que esse estudo espera ser alvo.

Dessa forma, retomo a questão primordial que toca na grande diferenciação entre a formação de singularidades no menino e na menina, a marca que nasce com o fenômeno da castração.

Ante o nascimento, o personagem principal para um bebê é a figura materna, uma vez que é dela que se espera a alimentação objetiva e subjetiva para a manutenção do pequeno ser. Porém, no caso da menina, a mãe tem um papel ainda mais importante em função dos atributos que farão da filha uma mulher futuramente. Segundo J.D.Nasio (1997):

A atualização dos antigos sentimentos negativos a respeito da mãe assinala o fim do complexo de castração. Insistimos em dizer que o papel da mãe, ao contrário da opinião comum, é muito mais importante na vida sexual da menina que o do pai; a mãe está na origem e no término do complexo de castração feminino. (p.18).

A menina vivencia seu primeiro mal-estar em relação à figura materna na passagem pelo desmame. Esta sensação fica guardada e reaparece em momento oportuno. Em seu desenvolvimento, passa pela fase da crença de que todos possuem corpos semelhantes, universalidade anatômica.

Contudo, à medida que cresce se depara com as diferenças e se percebe castrada, o que resulta na retomada do mal-estar pela mãe, que, nesse segundo momento, tem uma maior proporção; e na escolha do pai como objeto de amor, uma variação própria da subjetividade feminina.

Diante da realidade que a condena a certa impotência, a menina elege o pai como objeto de amor; é o final do complexo de castração e início do complexo de Édipo, que deverá segui-la por toda a vida.

Dessa mudança de objeto podem ainda surgir três principais repercussões: 1. a menina não rivaliza com a ausência do pênis/falo, simplesmente não tem inveja dele, desistindo de sua sexualidade; 2. a menina tem vontade de ter o pênis/falo, ingressando em características sexuais voltadas para aspectos masculinizados e 3. a menina anseia por substitutos do pênis/falo, progressivamente adotando características femininas – a mãe cede lugar ao pai como parceiro amado, o clitóris cede lugar à vagina como zona erógena e o pênis cede lugar ao filho como objeto desejado.

Segundo Freud (1925/1996h):

Na menina, o complexo de Édipo é uma formação secundária. É precedido e preparado pelas seqüelas do complexo de castração. (...) Enquanto o complexo de Édipo do menino naufraga sob o efeito do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. Essa contradição se esclarece quando consideramos que o complexo de castração atua sempre no sentido implicado por seu conteúdo: inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade.(p.130)

Diante dessas considerações, fica cada vez mais evidente a necessidade de retomar a queixa inicial de uma dimensão mais ampliada que permita a inclusão de personagens relacionados à constituição subjetiva das mães em questão.

1.4 Conclusão parcial

Essa primeira análise permitiu que se partisse de alguns conceitos psicanalíticos para argumentar sobre a questão-problema que mobilizou a pesquisa. Do lugar inicial de mãe que não desempenha seu papel, temos, a partir da entrada do inconsciente freudiano, a percepção da mulher como sujeito desejante.

Para a construção dessa subjetividade, corrobora a compreensão da sexualidade infantil empreendida pela teoria freudiana através de fases do desenvolvimento, que mostram de forma didática o quanto é relevante a participação das figuras parentais na construção de um sujeito, para desempenho de funções que favoreçam o afeto e a entrada da lei.

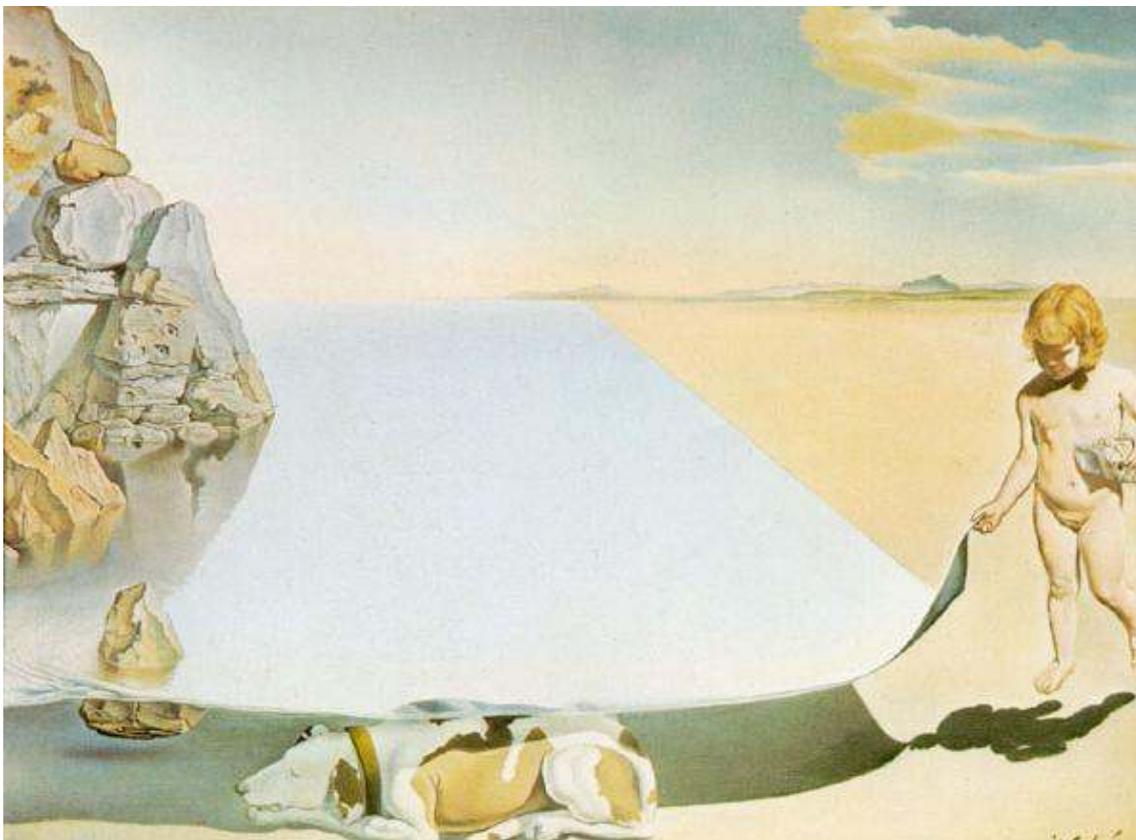
Tanto em Freud como em Lacan o discurso de subjetivação é marcado por uma presença necessária do investimento libidinal que cada novo ser não pode dispensar para passar da condição de objeto à condição de sujeito. Para Freud, sair do campo da necessidade para ingressar no circuito pulsional. Para Lacan, vivenciar o estágio de espelho a partir da captura do Outro, se envolver no desejo do Outro, acreditar ser o falo materno.

Desse momento que garante a sobrevivência não só objetiva, mas principalmente subjetiva, tem-se ainda a importante entrada da instância paterna, que fará a intervenção junto à maternagem e permitirá a entrada da criança no campo da lei, facilitando seu ingresso posterior na cultura.

Essas considerações já respondem pela não intervenção imediata, pois mostram que a maternidade não significa maternagem. Existe uma série de aprendizagens que devem ser realizadas, em parceria com a instância do desejo, investimento do Outro sobre a criança. Essa compreensão dilui a responsabilidade entre os membros da família, uma vez que a mãe reclamada, também tem seus cuidadores, tem o pai da criança e sua família, enfim, a mulher não se constrói só no mundo.

Este capítulo veio ao encontro dos primeiros anseios que afirmavam uma possibilidade de encarar o problema distante do imediatismo inicial de que foi alvo a queixa, o que possibilita agora, partindo do discurso sobre o sujeito e seu desejo, uma compreensão mais ampla que a mera maternidade exigida do feminino; enveredar sobre os atravessamentos na escolha do objeto por parte dessa mulher, que é antes de tudo um vir-a-ser.

CAPÍTULO 2: OS ATRAVESSAMENTOS SUBJETIVOS NA ESCOLHA DO OBJETO



atuleirus.weblog.com.pt

A cada caso relatado ou a cada relatório a que tive acesso para realizar esse estudo, ficou para mim a nítida impressão de que a mulher que falava tratava de um incômodo deflagrado por aquele que pariu, e que estava lá exigindo seus reclames de filho.

A criança sem se perceber parece ter feito o movimento que aparece na figura acima. Levantou o tapete, o lençol e acabou mostrando o que estava embaixo, guardado ou jogado para não ser visto. Como a célebre frase: “o rei está nu!” O rebento acabou por arrebentar a sua mãe que, sendo mulher, sujeito desejante, não suportou a situação e também fez suas exigências.

A partir dessa metáfora, inicio este capítulo sobre as escolhas objetais, ressaltando as intervenções subjetivas que interferem na construção desse percurso, aproveitando a contribuição da Teoria do Falo oriunda do capítulo anterior.

2.1 Escolhas Objetais – uma leitura de Freud

Pensar nas escolhas realizadas a posteriori, segundo o discurso adotado neste trabalho, remete-me necessariamente a uma história que localiza as experiências e o percurso por onde passou a personagem feminina em questão.

Aqui, como no aspecto da construção subjetiva, a organização trata de uma mesma lógica, ou seja, o sujeito depende de investimentos e significações que favorecerão sua inserção no campo da cultura.

Portanto, não se trata de uma simples questão pontual, presente e objetiva, de lançar a refletir sobre a problemática da preterência de uma mãe por seu filho. Esse drama se reporta às relações anteriores ao nascimento da criança e ao lugar destinado a ela pelo espaço subjetivo deixado no cenário que se desenhou antes de sua vinda ao mundo.

Para considerar alguns conceitos que possam facilitar a leitura do problema, trago ao texto um conceito de Freud (1914/1996c) em que o autor explora a questão do narcisismo para apresentar como se iniciam as relações de uma criança com o mundo e seu interesse desejante pelos objetos. Daí coloca que tudo começa com o investimento materno já apresentado, e que possibilita que o bebê sobreviva enquanto ser vivo e como sujeito.

A partir da díade mãe-bebê, a simbiose vivenciada permite a descoberta do campo das pulsões para além da necessidade de sulgar inicialmente, e pela

exploração de partes do seu próprio corpo que vão sendo conhecidas progressivamente pela criança, que vai, em seu movimento, erotizando as diversas regiões que descobre como fonte de prazer.

Nessa fase a criança ingressa no circuito pulsional, por descobrir o campo do desejo e das satisfações parciais, através de alucinações. O bebê acaba por minimizar suas necessidades - de fome, sede, incômodos fisiológicos - com fantasias associadas a sensações ligadas às áreas erógenas de seu corpo. É a satisfação da libido através do autoerotismo.

Dá-se nesse momento o chamado narcisismo primário, em que a criança se percebe como objeto de amor materno, sendo sustentada pela dedicação da mãe que enxerga no filho o alimento de seu próprio narcisismo, pela imortalidade de seu eu, resgate de ideais antes esquecidos e agora retomados. Como nos diz Freud (1914/1996c, p.96), “se considerarmos a atitude dos pais perante seus filhos, seremos obrigados a reconhecer nela a revivescência e a reprodução de seu próprio narcisismo, que eles haviam abandonado desde longa data.”

Segundo J.D.Nasio (1997):

O primeiro modo de satisfação da libido seria o auto-erotismo, isto é, o prazer que um órgão retira de si mesmo; as pulsões parciais procuram, cada qual por si, sua satisfação no próprio corpo. Esse é o tipo de satisfação que, para Freud, caracteriza o narcisismo primário, enquanto o eu como tal ainda não se constituiu. Os objetos então investidos pelas pulsões são as próprias partes do corpo. (p.48)

O percurso subjetivo continua e a criança avança em suas conquistas, ganhando autonomia e permitindo que o desenlace materno acabe por acontecer,

uma vez que a simbiose inicial tinha um propósito que se esgota à medida que o sujeito alcança novas possibilidades.

Dessa maneira, passando por algumas etapas de seu desenvolvimento, a criança chega à fase fálica, que mais uma vez recebe destaque pelas consequências que acrescenta à subjetividade do ser em questão.

Em um dado momento, a criança, que antes era puro objeto de satisfação para si mesma e acreditava-se para sua mãe, percebe-se ameaçada pela apresentação de um terceiro na sua história, que diz de algo para quem se dirige o amor materno. Trata-se de uma referência de lei, que surge para romper a simbiose entre mãe e filho. Ocorre, então, o fenômeno da castração.

Acontece que dessa intervenção resulta algo ainda mais relevante que diz respeito não apenas à interdição do incesto, ou seja, à figura paterna, que impede que o filho tome sua mãe como objeto de amor, serve não apenas como lei, mas também como referência de identificação de gênero, de intervenção social, de inserção cultural.

É dessa forma que ocorre o chamado narcisismo secundário, pela percepção por parte da criança de que não podendo ter sua mãe como mulher, objeto de satisfação de suas pulsões sexuais, precisa buscar na cultura outros sujeitos femininos. E que, além disso, precisa dispor de condições melhores para se manter (linguagem, expressões do mundo, estrutura simbólica), uma vez que divide a atenção do objeto de amor com inúmeras outras possibilidades antes não percebidas.

Porém, a referência de masculino ou de objeto desejado por sua mãe é justamente a marca de seu pai, identificação denominada de ideal de eu, perseguida pelo sujeito que espera encontrar meios de satisfação, ainda que parcial, de suas

pulsões sexuais. Aquele com quem a criança pode rivalizar imaginariamente é também o modelo simbólico que serve para a inserção no mundo, na cultura, para conquista de novos objetos. Segundo Freud (1914/1996c, p.83), "esse narcisismo que surgiu fazendo retornar os investimentos objetais, eis-nos, pois levados a concebê-lo como um estado secundário, construído com base num narcisismo primário que foi obscurecido por múltiplas influências."

Quando a castração acontece com a menina, a simbiose inicial é rompida pela figura paterna, que faz a função de lei da mesma forma: a menina rivaliza com a mãe pela descoberta da castração materna, mas também, assim como no caso do menino, precisa da figura feminina como referência de gênero para buscar na cultura aquele que será seu objeto de amor, que poderá satisfazer suas pulsões sexuais.

No narcisismo secundário tanto o menino quanto a menina se vêem diante do constrangimento de lidar com a rivalidade e com a identificação, para o alcance de seus intentos na cultura. Aqueles que servem de lei nas relações parentais são precisamente os que abrem portas para o ambiente social, como modelos para novas possibilidades de encontrar novos objetos para o alcance da satisfação pulsional, que será sempre parcial.

É importante ressaltar que as funções de que trata o movimento subjetivo dispensam as convenções de parentesco, podendo, às vezes, a função de lei, por exemplo, vir a ser exercida por uma instituição que faça parceria com a figura materna, que serve de referência ao afeto.

O que parece ser marcante no discurso que se desenvolve é a necessidade das funções de afeto e de lei para a constituição subjetiva de sujeitos que possam alcançar alguma aproximação com as exigências que emanam do social.

Isto, contudo, ainda não dá nenhuma garantia de sucesso nas escolhas objetais que possuem interferências inconscientes e que podem doar inúmeras significações aos representantes parentais. No entanto, à medida que se avança nesse estudo, parece ficar claro que, apesar de certo poder de resiliência do sujeito, ele precisa minimamente dessas duas “asas” (afeto e lei), e, mais ainda, para seu desenvolvimento, o sujeito precisa da intervenção de outros ao longo de sua história.

2.2 Escolhas objetais – uma leitura de Lacan

De acordo com este autor, algumas considerações sobre a forma como o sujeito se constitui, na sua relação com o objeto, são diversas da perspectiva já apresentada e, por isso, importantes de ser evidenciadas. Lacan explica as relações de objeto através dos três tempos do Édipo.

A questão tem início com uma relação quase fusional entre mãe e filho, situação que se instala pela necessidade e ganha importância pelo investimento libidinal da mulher sobre seu bebê.

Uma vez que a criança se percebe no olhar materno, e experimenta esta figura como fonte de satisfação, entra em um jogo de fantasias desejantes que a transporta para uma espécie de assujeitamento, fazendo-a refém do desejo da mãe, este Outro desejante que a alimenta enquanto sujeito e que a situa no campo de seu próprio desejo.

Vale ressaltar então que, para o primeiro atravessamento na escolha de objeto subjetivo, qualquer ser humano necessita de um desejo oriundo desse que funciona como Outro - referência primeira, para nortear nossa entrada no campo das escolhas objetais.

Nessa etapa, a criança se guia pelo desejo desse Outro, é a ele que espera satisfazer para suprir sua própria carência, atendendo a carência materna de algo que nela falta e que o filho vem preencher dando uma resposta positiva à questão que descobre posteriormente – ser o falo materno. Esse é o primeiro tempo do Édipo. Segundo Lacan (1957-58/1999):

(...) a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais. Através dessa simbolização, a criança desvincula sua dependência efetiva do desejo materno da pura e simples vivência dessa dependência e alguma coisa se institui sendo subjetivada num nível primário ou primitivo. Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode estar ou não presente. No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser essencial. O deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo. (p.188)

Esse jogo entre a díade se mantém até que a criança começa a despertar para a descoberta de outras fontes de prazer corporais e a fazer exibição, questionamentos sobre seu próprio desejo, causando a mãe sobre suas demandas. Nesta situação existe um confronto sobre a posição entre aquele que satisfaz o Outro e o seu próprio desejo, resultando dessa marca uma intervenção terceira que trata da entrada da lei, permitida e possibilitada pela figura materna, que traz para a cena a palavra do pai.

A criança que experimenta seu próprio desejo recebe imaginariamente a privação de seu objeto de satisfação – a mãe, através da palavra paterna que se interpõe e se apresenta mostrando ainda que a figura materna é castrada. De outro modo, a criança, ao descobrir que não é o centro das atenções, percebe também

que será privada de sua mãe pelo Nome-do-Pai, que estabelece um corte na simbiose entre mãe e filho, mostrando que esta mulher não pode ser fonte de satisfação de seus desejos.

É nesse momento denominado de segundo tempo do Édipo que a criança se dá conta de que não atende todo o desejo materno e não pode satisfazer seu próprio desejo com sua mãe, pela intervenção de uma lei que o priva e o apresenta algo que é o representante da falta materna.

Acontece que o mecanismo vai adiante e apresenta a figura paterna como a instância do Outro para Outro materno. É quem pode dar o falo, é o pai como ser potente, que servirá de referência de identificação para o filho. Segundo Lacan (1957-58/1999):

Em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece. (...) Em segundo lugar, o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei. Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem (...), no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se ideal do eu. (p.200)

Esta figura que é odiada inicialmente por privar o filho de sua mãe serve de fonte de identificação como ideal de eu a ser seguida para se buscar novas personagens femininas na cultura, quando o pai é internalizado, e tem-se o declínio do chamado Complexo de Édipo, terceiro tempo do Édipo lacaniano.

Na vivência do feminino, a entrada da lei chega de maneira diferente, porém denota marcas relevantes para servirem de referências objetais, uma vez que a menina se afasta da mãe pela intervenção da castração. Chega a odiá-la pela

ausência do falo, por certa impotência, que a mobilizará em direção ao pai, que também não poderá ser objeto de satisfação de seus desejos sexuais, sendo uma referência de potência.

A menina retoma a figura materna para uma identificação com o feminino e inserção no campo da cultura para aquisição de objetos que possam substituir o falo ou ocupar o lugar que falta, através de muitos objetos. Daí, o pai é uma referência de quem tem a potência, a mãe que teve um filho também é uma imagem de feminino e de possibilidade de tamponar a falta do falo.

Conforme J.D.Nasio (1997):

A reposição do falo em seu devido lugar é estruturante para a criança, seja qual for o sexo, a partir do momento em que o pai, que supostamente o tem, tem preferência junto à mãe. Tal preferência, que atesta a passagem do registro do ser ao ter, é a prova mais manifesta da instalação do processo da metáfora paterna e do mecanismo intrapsíquico que lhe é correlativo: o recalque originário. (p.88)

Segundo a lógica do falo, o menino renuncia a ser o falo materno para vir a ter o falo, identificando-se com o pai, que supostamente o tem. A menina, por outro lado, identifica-se com a mãe por perceber-se castrada, mas sabendo onde pode encontrá-lo; o falo está com o pai, e pode advir um dia através de um filho.

A partir dessas intervenções da lei paterna, tem-se uma condição primordial para o vir-a-ser sujeito, a questão do recalçamento originário e a possibilidade da metáfora paterna, ou seja, uma vez que o sujeito não pode mais dispor de seu objeto primordial de amor, que foi perdido pela entrada do Nome-do-Pai, só resta a busca por objetos que possam vir a substituí-lo, através do campo do simbólico, da linguagem, substitutos do objeto perdido.

Segundo J.D.Nasio (1997):

Por meio do recalque originário e da metáfora paterna, o desejo vê impor-se, então, a mediação da linguagem. Mais precisamente, é o significante Nome-do-Pai que inaugura a alienação do desejo na linguagem. Fazendo-se palavra, o desejo não se torna, assim, nada mais do que o reflexo de si mesmo. O desejo de ser, recalcado em prol do desejo de ter, impõe à criança que engaje a partir de então seu desejo no terreno dos objetos substitutos do objeto perdido. (p.94)

Dessa forma, percebe-se que, progressivamente, o pequeno ser vai sendo apresentado ao mundo, primeiro pela via da necessidade, através do investimento desejante, à via do desejo, pela instância do prazer, até chegar ao campo do simbólico, das representações significantes, que serão substitutos de objetos fálicos, desejantes, valorativos, expressos pela linguagem, que não consegue suprir totalmente a falta, pois é apenas representação, mas é um importante instrumento para o sujeito se dizer no mundo.

2.3 Conclusão parcial

Diante do exposto, outro importante passo foi alcançado para acrescentar perspectivas à questão-problema que mobiliza este estudo. Dessa vez, a proposta baseou-se nos atravessamentos subjetivos na escolha do objeto que considerou alguns outros conceitos-chaves para o saber psicanalítico.

Logo, aproveitando o discurso sobre a constituição subjetiva, podem-se inserir os termos freudianos de narcisismo primário e secundário, para sinalizar a relevância da participação da função materna e paterna na esfera do desejo e como

fonte de identificação para inserção do sujeito na cultura. Esta situação vista sobre a perspectiva que se desenha expressa o caminhar de um sujeito para suas próprias escolhas, não dispensando, contudo, as referências iniciais que funcionam como atravessamentos subjetivos.

Além desses termos, os complexos de castração e de Édipo, na lógica de Freud, funcionam como arremate para a escolha do objeto, pois exige uma mudança na relação entre mãe e filho, dando uma referência de identificação para o que deve ser buscado e onde deve ser buscado. É o rompimento que permite a entrada da lei e favorece o interesse por objetos na cultura.

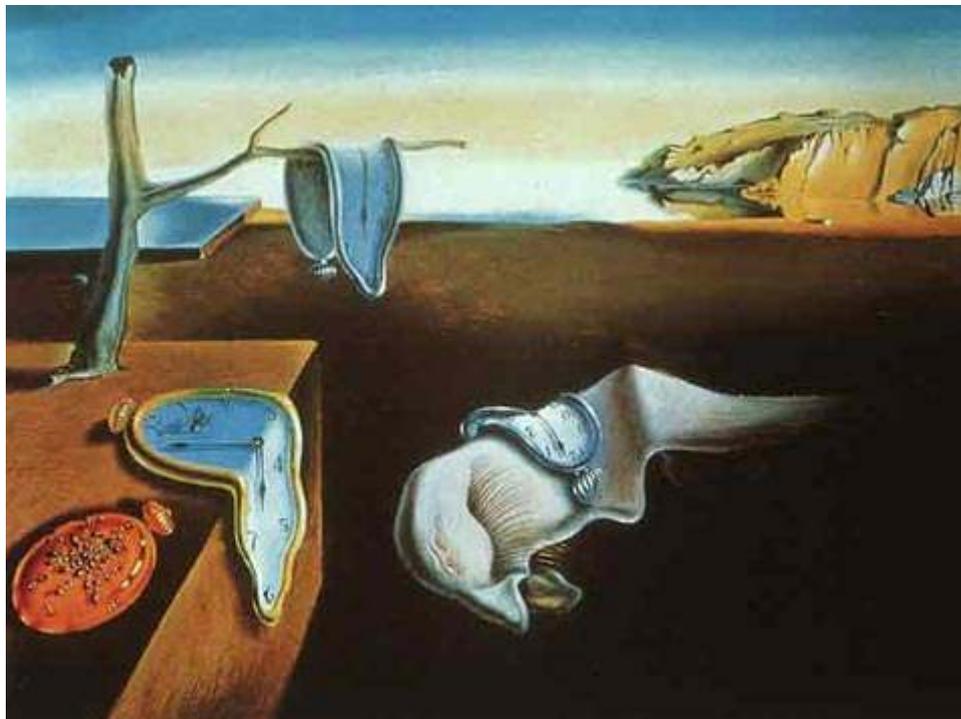
Ainda sobre a escolha de objeto, Lacan evidencia os três tempos do Édipo, relacionando-os com a intervenção do falo, mostrando que a criança só consegue se interessar por outros objetos, além da mãe, na medida em que passa por estas fases. No primeiro tempo, acredita ser o falo materno; no segundo tempo, percebe que a mãe é castrada e o pai sabe onde está o falo e faz o corte da simbiose mãe e filho; no terceiro tempo, o filho se identifica com o pai, pois o vê como tendo o falo potente. É nessa identificação que a criança ganha meios de se inserir no social, buscar seus próprios objetos.

No que diz respeito às mulheres que se investigam nessa pesquisa, a cada novo argumento fica evidente a importância das intervenções dos cuidadores. E, considerando o contexto social já descrito, fico a refletir que espécie de investimento cada uma pode ter para vivenciar estas etapas descritas teoricamente. E, se a escolha de objeto dessas mães passa por estas referências, não se pode ignorá-las, pois a exigência que se faz pelo seu papel social a posteriori, parte de intervenções oriundas de outros personagens que se ocupariam da tarefa de apresentar esta criança ao mundo.

Uma vez que o sujeito chegou à condição de ser simbólico, importantes ferramentas para estar no social foram adquiridas pelo percurso empreendido através das relações com aqueles que se dispuseram a fazer a função materna e paterna. Contudo, existe ainda outro aspecto a ser considerado para enriquecer o estudo aqui realizado. Trata-se da questão do sintoma da repetição inconsciente que também é uma referência para a escolha de objeto atual.

O próximo capítulo espera considerar este aspecto para trabalhar esta possibilidade teórica até que se chegue aos dados coletados em campo, e que se tenham cada vez mais considerações sobre os impasses do feminino, proposta empreendida desde o recorte desta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – A REPETIÇÃO: DESENCONTROS NO SOCIAL



educators.mfa.org

À medida em que o estudo avança, outras cores vão sendo colocadas na construção discursiva em torno dos incômodos que levaram à realização da pesquisa inicialmente. Dessa forma, apresenta-se aqui mais uma referência sobre as questões subjetivas ilustradas pela imagem acima, que trata da passagem do tempo com a manutenção de algo que o pintor chama de memória.

Neste capítulo, apresentarei o arcabouço teórico na visão psicanalítica para tal registro que permanece, mas devo ampliar as elaborações desses conteúdos, entendendo-os não apenas como meros dados arquivados por cada sujeito, mas aproximando-os da visão de possíveis sintomas, o que trará mais argumentos para a leitura dos casos no capítulo seguinte, com a apresentação da análise dos dados.

3.1 A repetição em Freud

Uma vez descoberta a estrutura do inconsciente, através da investigação com pacientes histéricas, o médico vienense empreendeu novos conceitos para considerar como se explicaria o mecanismo do aparelho psíquico que justificasse a aparição dos sintomas.

A grande questão tratava do fato de que algo acontecia diferente do esperado pelo contexto, ou seja, no cenário da época, não havia doença orgânica, mas os corpos femininos não respondiam às expectativas fisiológicas – exemplo: não conseguiam comer, andar, beber etc. É certo que o problema de que tratamos ao longo desse texto não responde a uma indagação orgânica, porém existe uma implícita ligação com esses conceitos, uma vez que também é de um incômodo causado no social por uma ação inesperada que vem do feminino de que trata a minha leitura.

Em (1915/1996d), o autor apresenta o conceito de pulsão, que vem possibilitar avanços na questão dos sintomas. Esta contribuição teórica apareceu depois de longas considerações sobre a constituição subjetiva, em um percurso que partiu da chamada primeira tópica freudiana, passando pelo capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, em que Freud ressalta a sexualidade infantil; na apresentação das fases do desenvolvimento no artigo *os Três Ensaios sobre a Sexualidade* (1905/1996a), chegando a evidenciar o fenômeno do narcisismo em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914/1996c).

Segundo Freud (1915/1996d), a pulsão é um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático (...), é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente; é uma força que atua como um impacto constante que busca satisfação. Quanto à fonte, é corporal. A pulsão é o

instinto que se desnaturaliza, que se desvia de suas fontes e de seus objetos específicos; ela é o efeito marginal desse apoio-desvio. A fonte da pulsão é, pois, o instinto, mas não se reduz a ele.

Dito de outro modo, a pulsão diz de uma instância própria do humano, uma vez que é a possibilidade de inseri-lo no campo do desejo, pois a entrada no chamado circuito pulsional representa uma ampliação de possibilidades para além do mero instinto que atende apenas ao campo das necessidades.

Quando se refere à pulsão, Freud impõe como ponto de partida o corpo, pois sem ele não haveria as primeiras experiências de satisfação. Contudo, a partir dessas vivências, que permitem a descoberta de fontes de prazer em diferentes partes do corpo (zonas erógenas), tem-se a condição de escolhas objetais descobertas para além do fisiológico, as quais permitirão a inserção no simbólico, com a alucinação de objetos ausentes – como a criança que chupa o dedo alucinando o seio materno, para estimular a mucosa oral e minimizar sua fome, até que a mãe chegue.

A pulsão nunca se dá por si mesma, ela só é reconhecida pelos seus representantes ideativos, que tratam de conteúdos inconscientes, o que se tem como sensação de satisfação ou de desconforto, na verdade representa o afeto, que é destino da pulsão na instância do consciente, lógica do aparelho psíquico freudiano.

A construção teórica de Freud a partir de 1915 (1915/1996d) diz de uma teoria baseada na primeira tópica freudiana e por isso a regulação pulsional recebeu tanta influência do princípio do prazer. Na realidade, os conteúdos inconscientes aumentariam a tensão no aparelho psíquico, em função do chamado recalçamento, que trabalha como uma barreira seletiva de material para o consciente, e esta

pressão funcionaria como elemento motor que impele o organismo para a “ação específica”, responsável pela eliminação de tensão. Até que a ação se realize, existe certo desprazer, que mobiliza o sujeito no sentido do agir para alívio, e sensação de prazer.

Para a saúde mental do sujeito, que significa equilíbrio do aparelho psíquico, a pulsão tem como objetivo a satisfação, a redução da tensão provocada pela pressão, porém esta depende da fonte e do objeto, ou seja, do corpo e das mais variadas formas que se possa imaginar para alcançar a satisfação almejada pelo inconsciente, pelos significados doados aos objetos pelas vivências de cada sujeito.

A pulsão para alcançar a satisfação, por exigência da censura, sofre sempre uma modificação. Por isso, os destinos da pulsão também podem ser vistos como modalidades de defesa. Uma pulsão não pode ser nem destruída nem inibida; uma vez tendo surgido, ela tende de forma coercitiva para a satisfação. A defesa incide sobre os representantes psíquicos da pulsão, os quais vão conhecer destinos diversos.

Em um primeiro momento, Freud explora a questão considerando que a questão considerando que existem dois tipos de pulsão: as pulsões do ego e as pulsões sexuais. As primeiras denotam ser reguladas pelo princípio de realidade e as segundas, pelo princípio do prazer. Ambas funcionariam como um mecanismo de diminuição de tensão psíquica, vencendo a censura, ou recalçamento.

Diz Freud (1915/1996d)):

Na realidade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição daquele, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar, mais tarde ao longo do novo caminho, um prazer seguro. (p. 283)

A forma como aconteceria a passagem ao consciente Freud coloca de variadas maneiras – sonhos, chistes, atos falhos, sublimação deslocamento, condensação - como destinos da pulsão, ressaltando que em todos os casos trata-se de uma pulsão parcial, pois a satisfação plena é utópica. Mas o uso desses mecanismos é uma necessidade para o equilíbrio do aparelho psíquico que precisa diminuir a tensão inconsciente.

Para compreender de onde vêm esses conteúdos, que causam tanta tensão no inconsciente, o autor resalta que mesmo as experiências as quais não percebemos conscientemente, que chegam ao nosso corpo, que causam qualquer sensação que possa ser significada, desde a mais tenra infância, ficam registradas como traços mnêmicos, chegando a instância do consciente apenas o afeto ligado ao conteúdo armazenado; energia suficiente para levar o sujeito à “ação específica” pelo desconforto gerado pela tensão.

Mais uma vez enfatiza-se a relevância das experiências por que passa cada sujeito ao longo da sua infância para funcionar como fonte de mobilização pulsional para suas escolhas nas fases seguintes. O que se pode esperar das vivências posteriores não é exato, mas é interessante constatar por outro viés, através dessa visão teórica, a intervenção de variados personagens para favorecer a inserção do sujeito na cultura.

Caso uma criança não disponha de uma intervenção, pode não conseguir acessar esse mecanismo, o que resultaria numa morte psíquica. Ela pode ainda ter um acesso retardado, o que causaria certas debilidades ou dificuldades psíquicas, patologias. E, na melhor das hipóteses, uma intervenção sem tanto desejo, com baixa libido, em que não se percebe satisfação, a criança poderá guardar registros

mnêmicos associados a afetos negativos, que dificultarão experiências nas fases posteriores, numa reprodução afetiva de conteúdos dolorosos armazenados.

Aqui, abre-se uma porta para a temática que o autor desenvolveu no texto intitulado “*Além do princípio do prazer*” (Freud, 1920/1996f), que apresenta algumas considerações sobre o que mobiliza o sujeito, ressaltando a contradição que se percebe na experiência cotidiana de que não se trata de uma dominância de ações reguladas pelo princípio do prazer. Conforme o autor (Freud, 1920/1996f):

O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer. (p.20)

O que o autor apresentava era outra versão sobre a mobilização do aparelho psíquico que funcionaria regulado por outro princípio que não condizia com a busca do prazer, uma vez que, em muitas ocasiões, era isso que se observava nas escolhas do sujeito; ao invés de um movimento que o orientasse para a diminuição de tensão e sensação de alívio, a clara procura pela destruição.

Nesses casos, por exemplo, Freud se intrigava, e foi a partir deles que passou a investigar e a postular a existência de novas duas pulsões: de vida e de morte, que corresponderiam a uma busca incessante por um estado anterior ao animado, uma situação de inércia própria dos seres inanimados, só encontrada pelos seres vivos através da morte.

Isto, porém, não significa dizer que o sujeito trace como principal objetivo para sua existência o suicídio, uma vez que a dualidade pulsional diz exatamente de uma

necessidade empreendida pela pulsão de vida de realizar um caminho para a morte, de forma natural.

Dessa forma, pode-se entender como pulsões de morte todo um movimento de retorno ao estado inanimado, o que pode ocasionar situações dissociadas da relação com o prazer; e como pulsões de vida aquelas que tentam orientar o percurso do sujeito para a morte de forma natural, considerando as pulsões do ego, que atendem as necessidades do sujeito e as pulsões sexuais, que acabam por garantir a continuação da espécie através do sêmen germinativo.

3.2 A repetição em Lacan

O que Freud empreende como a estrutura pulsional para considerar a repetição inconsciente e a energia que mobiliza o aparelho psíquico, Lacan se utiliza dos conceitos de gozo e de falo permitindo uma visão mais ampliada, e, de certo modo, diferenciada da questão inicial.

Para o autor, a energia produzida no aparelho psíquico pode atender a três finalidades, uma vez que os conteúdos que causam tensão no inconsciente buscam o acesso à consciência e podem: 1. ter sua descarga parcial através da passagem pelo recalçamento, o chamado gozo fálico, que causa alívio relativo; 2. o retorno residual da energia que não pode ser liberada – o mais gozar – um excedente impedido pelo falo de transpor-se para o consciente e 3. o acesso livre da energia plena – o gozo do Outro – a descarga total almejada por todo sujeito, e que, sendo hipotética, é apenas idealizada.

De outro modo, a pergunta que busca a referência desses autores trata de argumentos que levariam o sujeito a escolhas objetais diferentes das esperadas pelo

grupo social, a exemplo do seguinte questionamento: por que algumas mães não querem seus filhos? Segundo Lacan, a estrutura inconsciente é marcada pelo gozo que diz de uma tensão inerente à própria vida, numa compulsão à repetição de atos do passado que deixaram marcas. Segundo J.D.Nasio (1993):

Se há um conceito freudiano próximo do gozo concebido como a força que garante a repetição, é exatamente o de compulsão a repetição, entendido como a tendência irreduzível, no ser humano, a viver voltado para a frente, é certo, mas tentando completar os atos esboçados no passado. Toda a força da vida está aí. (p. 43)

Para Lacan, o sujeito se constitui subjetivamente e conta com a intervenção do falo para mediar a relação entre as instâncias do inconsciente e do consciente. O falo serve de baliza ao trajeto do gozo, como explica Nasio (1993), numa tentativa de manutenção da vida psíquica com toda a carga que o gozar acarreta no seu movimento permanente, porém sem tantos prejuízos ao sujeito, que sofreria sobremaneira, sendo alvo constante desta tensão inconsciente, própria de situações-limites.

Dessa maneira, a repetição à luz desse autor, teria sua forma mais acentuada, uma vez que, se em Freud o retorno ao inanimado é a principal fonte de inspiração para a repetição, pois trata de sua principal pulsão – a de morte, para Lacan, a repetição diz respeito a um movimento permanente da estrutura inconsciente para o mais gozar. Esta busca faz do sujeito alvo dessa instância, que conta com o falo para se orientar minimamente, mas que se alimenta de conteúdos armazenados e significados ao longo de vivências desde tenra idade, combustível para a vida psíquica.

Para a discussão que se propõe nesse estudo, a contribuição sobre a repetição diz de uma consideração importante sobre a história de cada mulher entrevistada nesta pesquisa, uma vez que a queixa que se apresenta sobre a ausência do exercício materno a posteriori não traduz a realidade em que cada uma se constituiu até chegar nessa maternidade. E os autores, que foram apresentados, colaboraram no sentido de elucidar o quanto é relevante investigar a história de cada feminino, para não incorrer no erro de solicitar a oferta do que elas não têm para dar.

Segundo a teoria explorada, é a partir dos conteúdos inconscientes que o fenômeno da repetição ganha força e acaba por mobilizar o sujeito numa direção. Contudo, o que abastece a instância inconsciente trata das vivências por que passa cada sujeito, desde as primeiras experiências com o mundo externo e suas significações. Portanto, não dispensando o investimento necessário por parte de variados personagens ao longo da vida de cada criança, para que, uma vez adulta, a repetição que acontece de modo involuntário repercuta no social, conforme o que foi empreendido. Em outras palavras, não se pode esperar simplesmente que um adulto responda a um papel social, ignorando que tipo de vida teve esse sujeito, como exigir afeto, quando não se investiu nesse tipo de relação, por exemplo.

3.3 Conclusão parcial

Este capítulo encerra as contribuições teóricas para explorar o tema de que é alvo este estudo. E considerar os conceitos aqui definidos favoreceu uma melhor argumentação sobre o enfrentamento dos desencontros vivenciados pelo sujeito no social.

A partir da referência freudiana empreendida através da mudança na dualidade pulsional, que coloca o sujeito diante da pulsão de vida x pulsão de morte, tem-se a lógica da repetição guiada por um mecanismo para além do princípio do prazer.

Esta mudança significa para o sujeito que embora ele seja regulado pela instância do inconsciente, os conteúdos armazenados é que favorecem suas escolhas e não uma busca pelo prazer antes acreditada, pois, a todo momento, o seu mecanismo psíquico se mobiliza por uma volta ao passado, ao que é familiar, ao inanimado.

Sobre esse tema, Lacan coloca a questão aproximando a repetição do conceito de gozo, e a barreira da censura do conceito de falo. Sendo assim, o sujeito busca o gozo como saída parcial para sua tensão psíquica, e esse mecanismo é o que mantém a saúde do aparelho psíquico. Acontece que a repetição se dá pelo retorno do que é barrado pelo falo, numa busca pelo mais gozar. Esta situação é o que impulsiona o sujeito, de modo a contrariar a instância consciente, pois é puro inconsciente.

Dessa forma, ao considerar a repetição enquanto conceito relevante para esta pesquisa, o que se almeja é acrescentar outro aspecto que possa elucidar as mobilizações subjetivas na escolha do feminino. De, outro modo, a intenção é afastar a ideia imediata de uma visão objetiva sobre o ser social, e ampliar a questão para as inúmeras contribuições que este sujeito espera, de outros, para se constituir no social.

A repetição acentua os traços inconscientes que trazem à tona as vivências armazenadas por cada mulher. Esse mecanismo traduz a instância do desejo, da pulsão para Freud, do gozo para Lacan, que decodificam o percurso subjetivo de

cada representante do feminino, tendo muitas vezes mobilizações e expectativas contrárias ao papel esperado pelo social. E, é dessa forma que podem ser entendidos os desencontros que nascem do desejo subjetivo diante da expectativa objetiva do contexto.

CAPÍTULO 4 – PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS



urbanidades_madeira.blogspot.com/2007

Uma vez apresentado o percurso teórico, detive-me a realçar a construção possível através da metodologia empreendida e arrematei a pesquisa contando como foi elaborado o processo realizado.

Desta vez, além de trazer as informações sobre a metodologia científica, irei tratar da análise dos dados referentes à expressão dessas mulheres sobre as quais venho escrevendo desde as primeiras páginas.

Aqui, elas tiveram a oportunidade de se colocarem na janela de suas vidas, olharem um pouco para o passado e falarem sobre os significados de pessoas e vivências, o que para cada uma delas resultou em gestos emocionados, lágrimas, falas embargadas, expressões diversas que o texto não consegue dar conta, mas para a pesquisa favoreceu sobremaneira uma leitura de seus impasses.

4.1 O que pesquisar

A pesquisa ganhou motivação a partir de um recorte realizado sobre o incômodo de escutar as queixas de mulheres desejosas de entregar seus filhos ao poder público. Diante dessa primeira rogativa vieram tantas outras que exigiam explicações psicológicas sobre as razões dessas tais mulheres não quererem ocupar o lugar de mãe. Clamor tanto do leigo, usuário do equipamento em que trabalhava, no CRAS – Centro de Referência da Assistência Social, quanto dos técnicos, colegas de outras áreas de conhecimento que compunham a equipe multidisciplinar.

Além dessa solicitação externa, também era particular a curiosidade de ouvir a expressão dessas mulheres, que, antes de serem mães, são sujeitos. Daí foi feito o recorte sobre o objeto para o alcance de tantas expectativas, a investigação que nasceu com a pergunta sobre o significado atribuído a cada criança por parte dessas mulheres, considerando a história de vida de cada uma delas e a importância de suas escolhas, relacionando-as.

Uma vez visualizada a questão inicial, a pesquisa ganhou corpo na tentativa de levantar o sentido que pudesse efetuar um diálogo com autores que contribuíssem para o alcance dos seguintes objetivos: conhecer os significados que as mães atribuem aos filhos entregues ao poder público, através da história de vida e escolhas fálicas de cada uma dessas mulheres. E, mais especificamente: investigar a história de vida de cada mulher, identificando as relações e acontecimentos relevantes; caracterizar as escolhas de objetos fálicos e que inferências se podem fazer para justificá-la; evidenciar o significado, para cada mãe, do filho deixado aos cuidados do poder público e considerar as relações entre as

vivências maternas anteriores e a decisão de entregar o filho ao poder público no presente.

4.2 Características da pesquisa

Diante dessas conquistas no esboço que se fazia, a definição pelo tipo de pesquisa e pela abordagem teórica dizia da próxima exigência. Portanto, em razão do objeto a ser investigado e dos objetivos a serem alcançados, a pesquisa definiu-se de natureza qualitativa. Segundo Minayo, (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, (...) com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa que ocorre normalmente num cenário natural permite o uso de métodos múltiplos, o que favorece contemplar diversos aspectos que surgem durante um estudo qualitativo, como, também, caracteriza-se fundamentalmente por seu caráter interpretativo (Creswell, 2007).

Quanto à questão teórica, a escolha pelo arcabouço psicanalítico diz de um percurso próprio e de uma confiança na leitura que essa abordagem pode apresentar. O uso da psicanálise, considerando Freud e Lacan, dizia de uma tentativa de apresentar essas mães a partir de uma expressão que as colocasse na posição de quem deseja, infringindo assim, normas sociais, ou expectativas da comunidade, mas, enfim, sendo passíveis de uma construção que não depende somente delas, como nos apresentam os autores citados.

Contudo, não se trata de uma pesquisa psicanalítica, uma vez que, não é a um cenário clínico que estou me reportando, nem tampouco a um fenômeno da transferência, mas a uma investigação institucional, com uso de conceitos psicanalíticos, associados a métodos científicos para apresentação acadêmica e enriquecimento de uma discussão observada no social. Segundo Couto (1996):

(...) o trabalho pode ir de uma simples pesquisa bibliográfica voltada para a execução de um rol de textos onde o conceito poderia ser localizado, até a elaboração de uma pesquisa conceitual, na qual, além de esclarecimentos sobre o ponto de vista do autor, apresenta-se ainda um grau ótimo de originalidade interpretativa. O objetivo principal é o de apresentar, através do código lingüístico, um objeto, um procedimento, um conceito ou uma idéia, explicados através de uma concatenação lógica que possibilite a melhor compreensão pública da coisa descrita. (p.148-149)

Dos conceitos psicanalíticos, ainda, precisei me deter em algo específico para não acabar sendo ampla e imprecisa. Dessa maneira, a Teoria do Falo foi o recorte a que me detive, pois considera os impasses do feminino, através da construção subjetiva relatada em suas histórias de vida, bem como as escolhas de objeto e significados atribuídos, estabelecendo uma relação com a decisão de entregar a criança ao poder público.

Para conseguir acessar as informações almejadas, de modo a atender as exigências acadêmicas, a pesquisa foi bibliográfica e de campo, com a coleta de dados acontecendo por meio de pesquisa documental, através do acesso a relatórios institucionais, e de entrevistas individuais semiestruturadas, com a utilização de gravador.

Cada entrevista, uma vez transcrita, tinha a leitura orientada para a organização de categorias que favoreceriam a Análise do Discurso. Sobre esse método diz em Bauer e Gaskell (2002):

Uma análise de discurso é uma leitura cuidadosa, próxima, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organização e funções do discurso. Os analistas de discurso tendem a ser pessoas muito humildes que não gostam de afirmações bombásticas, e nunca irão argumentar que sua maneira é a única maneira de ler um texto. Em uma análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado. (p. 266)

4.3 A pesquisa de campo

Embora a questão tenha partido de minha escuta como psicóloga no equipamento da proteção social básica, CRAS – Centro de Referência da Assistência Social, da Secretaria de Assistência Social e Cidadania, no município de Maracanaú-Ce, ao longo do período que transcorreu o estudo teórico, algumas mudanças institucionais ocasionaram ajustes quanto à pesquisa de campo, necessários para que a coleta de dados ocorresse de maneira sistemática.

Dessa forma, até que fossem realizados todos os procedimentos relacionados aos passos que antecederam minha ida a campo, o que incluiu o parecer do comitê de ética da Unifor, por exemplo, a pesquisa ganhou como local para exploração os equipamentos de alta complexidade da proteção especial, da referida secretaria, na figura dos abrigos institucionais, o domiciliar e o das religiosas (freiras).

Em razão do meu interesse em ouvir a história de mulheres que desejavam entregar seus filhos ao poder público, era coerente procurar entrevistar mães de crianças abrigadas, em situação de autorização ou convivência materna.

Como nesses casos não se tratava mais de uma escuta espontânea e direta, como as que haviam motivado o estudo inicialmente, o primeiro contato se deu com a coordenação da proteção social especial do município que, solicitando o projeto e a declaração da Unifor, prontamente autorizou o estudo, liberando imediatamente o acesso a relatórios sobre as crianças abrigadas, funcionando esta fase como uma espécie de triagem.

4.4 Os sujeitos da pesquisa

Quando consegui a autorização para a pesquisa, tomei conhecimento de que o município dispunha de quatro abrigos, que, de certa forma, contam com o apoio da referida proteção especial da Secretaria de Assistência Social e Cidadania. No entanto, existem diferentes maneiras de gerenciar cada equipamento, o que favoreceu o acesso a alguns casos. De posse de relatórios sobre estes, e com os objetivos a nortear minha leitura da realidade, iniciei minhas entrevistas.

A preocupação que me assolava dizia de uma ansiedade em escutar a história dessas mulheres, pois uma vez que trazia o material dos capítulos anteriores, a minha ideia era confrontar a realidade social com a teoria. Apesar de todas as queixas sobre essas mães, a teoria me dava uma referência de que era preciso evidenciar aspectos que lembrassem significados ao longo de um percurso, em que cada uma delas não fez sozinha, por mais que suas escolhas fossem singulares.

Logo, do universo que se descortinou, a amostra que acredito significativa para a proposta que apresento neste estudo constituiu-se de cinco mulheres, tendo em comum a história de abrigo atual ou com saída da criança da instituição há pouco tempo, de um ou dois filhos.

Para definir cada uma das entrevistadas, utilizei nomes de pedras, em virtude da impressão que elas me causavam inicialmente, tamanha era a indiferença nas histórias descritas em cada relatório; mas, agora, é das preciosas a que me refiro. Logo, a sequência de contatos se deu com a Rubi, a Safira, a Ônix, a Esmeralda e por fim com a Turmalina.

Entrevistada	Idade	Filhos
Rubi	34 anos	Tem 03. Moram 02 meninas com a mãe e recentemente 01 menino que estava abrigado voltou para a casa da mãe.
Safira	27 anos	Tem 03. Moram 02 no abrigo (01 menino e 01 menina). E a filha do meio foi dada a uma família pela mãe.
Ônix	28 anos	Tem 03. Moram 02 meninos com a mãe e 01 menino no abrigo, que é o único filho do atual companheiro. A mãe está grávida.
Esmeralda	32 anos	Tem 05. Mora 01 menino com a avó paterna, 01 menina no abrigo e 03 meninas com a mãe.

Turmalina	20 anos	Tem 04. Moram 02 meninos com a avó paterna, 01 menino no abrigo e 01 menina com a mãe.
-----------	---------	--

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa.
Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

4.5 Entrevistas e Categorias

De cada mulher que foi procurada para a realização da entrevista já se poderia contar uma história, em torno do movimento gerado para o encontro. Esta mobilização favoreceu o amadurecimento das observações de campo e a organização inicial das categorias. Em função disso, todos os passos serão relatados para enriquecimento do percurso metodológico.

O encontro com a Rubi se deu com a intervenção de uma psicóloga que acompanhava o caso e acreditava ser interessante a escuta desse discurso feminino, considerando o recorte da pesquisa. Encontrá-la foi difícil, pois esta mãe recebeu seu filho recentemente do abrigo domiciliar e mudou de endereço, não comunicando ao equipamento da Secretaria de Assistência Social e Cidadania sua nova morada. Somente foi possível a entrevista por orientação de alguns vizinhos. Porém, uma vez que encontrei a mãe e expliquei do que se tratava, a resposta positiva veio prontamente. Para esta mulher, parece ter sido bem significativo alguém ter se dado ao trabalho de procurá-la para uma entrevista, na sua casa, com gravador. Enfim, foi um momento diferente.

No caso da Safira foi ainda mais difícil o acesso. O interesse por esta mãe se deu em função do relatório institucional e também do contato com a colega que me fez um breve relato do caso. Contudo, no endereço que estava como sendo de sua

residência somente numa terceira tentativa descobri que estava errado. A entrevista se deu por intervenção de sua ex-sogra que, mesmo sem nunca ter me visto, pediu à neta que me levasse ao endereço onde trabalhava a Safira. Uma vez conversando com esta mulher, ela ficou emocionada com a possibilidade de ser entrevistada e de falar sobre seu passado; pediu algumas explicações e também concedeu a entrevista sem resistência.

Ônix foi uma surpresa. O caso dessa mulher está descrito em um relatório cheio de intercorrências. Foi uma solicitação da própria equipe da alta complexidade da proteção especial da Secretaria de Assistência Social e Cidadania para que eu desse algum retorno desse encontro, pois era uma família com uma situação muito delicada. O fato é que encontrei uma mulher assustada, grávida, que não conseguiu falar na casa onde está morando. Foi preciso, então, que eu a convidasse para realizar a entrevista em outro local. Em outro ambiente, a jovem parecia tranquila. Conversou, e se emocionou, ao relatar fatos de sua vida e da relação com seu filho. Ao final da entrevista, agradei, retornei para a casa de seu sogro e observei admirada, Ônix assumir o estado anterior de susto e certa letargia diante das pessoas com quem mora.

Todas as outras mães têm ou tiveram crianças no abrigo domiciliar, mas, no caso de Esmeralda, a filha dela está no abrigo das religiosas/freiras, e por dificuldade de acesso à coordenação do estabelecimento, quem acabou me procurando foi a própria Esmeralda, numa situação de coincidência que a levou a procurar o CRAS em que trabalho. Diante desse fato, acabei por marcar a entrevista em sua residência, obtendo o endereço que ficaria inviável, se não ocorresse esta procura espontânea.

Para encontrar a Turmalina, precisei recorrer à casa da sua sogra, único endereço que constava no relatório a que tive acesso. Contudo, em função da história que unia aqueles personagens, temi que minha visita não tivesse repercussão e acabasse por não encontrá-la. Estive na casa da sogra numa semana e fui procurada pela jovem mãe no início da semana seguinte, que, surpresa com a minha intenção em fazê-la participante de uma pesquisa, aceitou prontamente conceder a entrevista, chegando a questionar se a gravação iria passar em alguma emissora de televisão, o que resultou em certo desapontamento com a minha negativa.

Com as entrevistas realizadas, ficou mais clara a visão de alguns temas: 1.Família; 2. Sociedade; 3. Filho e 4. Visão da Instituição, os quais resultaram em algumas categorias teóricas e específicas que serão detalhadas na análise dos dados.

Cada categoria será apresentada durante a análise, que traz um quadro com um breve relato das informações relevantes, relacionadas a cada uma das categorias, além das narrativas sobre cada entrevista. Em seguida, apresenta-se uma discussão à luz do referencial teórico.

Para ilustrar, apresento o seguinte mapa de associação de ideias.

Categoria Teórica / Geral	Categoria de Análise / Específica
Tema: Família	
1. As vivências maternas com seus cuidadores	<ul style="list-style-type: none"> • Descrição das vivências familiares da mãe; • Os significados de afeto e de lei na vida de cada mulher.
Tema: Sociedade	
2. As vivências maternas nas relações sociais	<ul style="list-style-type: none"> • O sentido das relações amorosas e amizades; • Quem propicia algum tipo de ajuda ou segurança
Tema: Filho	
3. O sentido atribuído à criança	<ul style="list-style-type: none"> • O que significa essa criança e a maternidade • Possíveis repetições
Tema: Instituição	
4. O lugar do abrigo na vida de cada família	<ul style="list-style-type: none"> • Por que a criança foi parar no abrigo • Qual o significado da instituição

Quadro 2: Mapa de associação de ideias para organização de categorias.

Fonte: Modelo organizado por Mapurunga, 2004, adaptado aos dados da pesquisa, 2009.

4.6 Análise dos dados

Tema: Família.

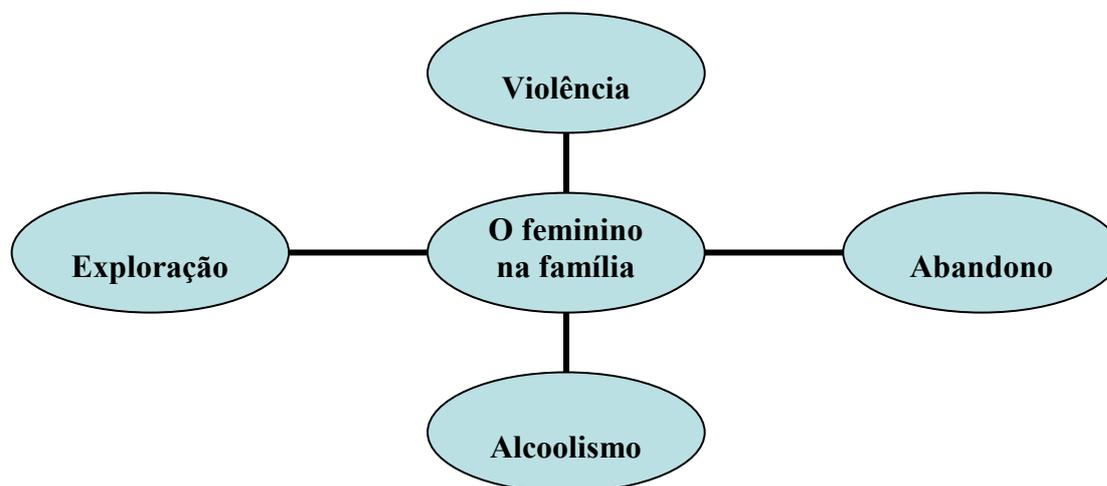


Figura 5 – Termos frequentes nas questões sobre o tema FAMÍLIA
Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009

A figura 5 sistematiza as incidências extraídas no relato sobre as vivências com os personagens parentais, ou com os cuidadores, para cada uma das mulheres que participaram deste estudo.

4.6.1 Categoria: *As vivências maternas com seus cuidadores.*

O quadro 3 ilustra alguns relatos sobre as vivências de cada entrevistada, com diferentes cuidadores, ou ainda o registro da ausência dos mesmos, e a representação que cada uma delas confere à sua história e aos personagens que dela fazem parte. É um resumo do retrato que parece comum para as cinco representantes do feminino. Na história de todas elas, aparecem marcas de lutos, perdas, abandonos, despedidas, descasos etc.

Entrevistada	Material de análise
Rubi	<p>Minha infância, não tive. (...) Aqui é um matando os outros até hoje, aqui as pessoas só querem a pessoa quando a pessoa tem dinheiro quando não tem não é ninguém. (...) Na minha vida eu morei com a minha mãe quando era pequena, mas eu ficava mais era cuidando deles mesmo, dentro de casa, lavava louça, cuidava deles, fazia comida, minha mãe ia resolver as coisas e eu ficava tomando conta da casa. (...) Eu era danada, mas sempre fui assim, as mulheres daqui nunca pararam dentro de casa, aqui as mulheres se danaram tudim, não fui só eu, assim como eu tem ela, ela, as mulheres nunca pararam não, os homens é que ficaram debaixo da saia da mãe. (...) eu só era recebida quando eu tinha dinheiro, num é chato?! Quando eu tinha dinheiro tudo bem. Quando o homem tinha dinheiro até o homem dormia mais eu dentro de casa, mas era porque ele tinha dinheiro e ia dar dinheiro dentro de casa. Eu era recebida até com um homem. E se num tivesse dinheiro (...) Era... era... cada um por si e seja o que Deus quiser. Eu é que fazia alguma coisa, que não queria ver nenhum passando fome.</p>
Safira	<p>Minha lembrança que eu tenho é só coisa ruim, muito sofrimento, mais do meu pai né. (...) Eu fui muito agredida pelo meu pai, eu levei foi uma pisa de corda. (...) Bebo, ele me batia mais quando tava bebo, sem nenhum motivo, quando eu via ele já ficava assustada corria logo para minha mãe, que hoje em dia que é minha madrasta que eu chamo ela de mãe. (...) Aí daí teve um caso deles dois e separou e ele foi embora quando eu tinha uns 12 anos de idade, ele abandonou a gente, até hoje. Pra dizer que nunca vi, ele apareceu uma vez quando eu tive a J. (...) Minha mãe me abandonou quando eu era bebezinho eu e minha irmã que Deus levou que era gêmea nós duas. (...) <i>E sobre a mãe biológica</i>: O meu pai disse que ela não queria a gente, dava mingau pra gente, botava veneno pra matar a gente. Pra eu ser segurada, segurar eu e minha irmã tinha que pegar num bucado de pano, porque era só o couro e o osso. Eu só não morri porque foi milagre de Deus mesmo. A gente veio morar com meu pai e minha madrasta e minha irmã com a aparência de 1 ano, ela faleceu.</p>
Ônix	<p>Eu num tive infância, eu tive que sair pra trabalhar por causa da minha mãe, com 7 anos.(...) Morei com a minha mãe, aí depois com 7 anos eu fui trabalhar em Paracuru. (...) Quando fugi de Paracuru contei com a ajuda do meu irmão, que me dá segurança até hoje. (...) Meu pai já faleceu, minha mãe ainda é viva. (...) Eles eram alcoólatras. (...) Era bom, ela (<i>a mãe</i>) me dava carinho, minha irmã também, ela cuidava muito de mim, minha irmã mais velha. (...) Tá com 5 anos que eu não vejo minha mãe, o meu pai já morreu, que ela mora no interior. (...) <i>Com a irmã</i>: Assim, eu não tenho muito contato com ela não, sabe? Que ela mora em Fortaleza e eu moro aqui. Final de ano que a gente se comunica.</p>

Esmeralda	<p>Fui criada só por minha mãe, tive padrasto, assim fui criada, acho que fiquei com ela se não me engano até uns 5 anos, aí fui criada por outras pessoas lá no Mundaú, aí eu vim já grande eu vim parece que eu tinha já uns 12 anos, aí eu vim e depois voltei de novo lá pra mulher pra passar de novo uns tempos, aí depois vim de vez pra morar com ela, com a minha mãe. Mas eu num morei com ela mesmo não, eu fui criada por outras pessoas. (...) <i>Sobre o pai:</i> Não conheço, não sei quem é, nem vi. (...) eu só me lembro que eu morava em Bom Jardim aí essa mulher apareceu, aí minha mãe sempre me dava, quem chegasse ela me dava, se chegasse dizendo que me queria ela me dava (...) quando eu tinha assim acho 12 anos, eu que fazia minhas coisas, que lavava minha roupa, eu já com 7 anos já sabia fazer tudo, lavava prato, varria a casa, eu já tomava de conta de uma casa. (...) Ah! Eu apanhava e quando eu apanhava eu esculhambava. (...) <i>Sobre o padrasto:</i> Ele me batia, aí eu fugi de casa, ele me bateu com fio elétrico e apertou no meu pé, a outra vez me deu uma pisa de corda no meio da rua, fiquei com raiva e fugi. (...) Meu irmão é um alcoólatra, coitado. Minha irmã é perturbada, tanto que eu só conto comigo mesmo.</p>
Turmalina	<p>Fui criada pelo meu pai, com a minha mãe passei pouco tempo, eles se separaram e fui criada pelo meu pai. (...) Ela não ficou com os filhos porque ela foi morar com outro homem aí achei melhor ficar com meu pai (...) Ela queria ver nós, só que ele (<i>o pai</i>) não deixava ela levar a gente pra ir morar com ela. (...) Eu tenho duas irmãs e tinha dois irmão, só que morreu. (...) Cada um cuidava de si próprio. (...) <i>Quando a mãe soube que Turmalina estava grávida:</i> A minha mãe ficou assim né, ela ficou assim porque né é um estrago a pessoa ser mãe na vida tão nova, aí depois ela foi se acostumando também (...) De primeiro meu pai não aceitava assim, muito ele (<i>o companheiro</i>), porque ele é assim meio errado aí meu pai não queria. (...) <i>Sobre as brigas do casal:</i> a minha família também se metia, que eu era de menor nessa época a minha mãe quis ir pra delegacia. Que eu era de menor nessa época, que eu tinha só 17 anos.</p>

**Quadro 3: Relato de vivências com membros da família e cuidadores.
Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.**

4.6.1.1 Análise da Categoria: As vivências maternas com seus cuidadores.

A história de vida de cada uma das entrevistadas é marcada por muitas perdas. Os relatos emocionados traduzem lembranças que elas não querem recordar. De um modo geral, são filhas de pais separados, ou presentes e

negligentes, agressores, exploradores, doentes, dependentes, frágeis em sua condição. E o que resta para os filhos é a luta pela sobrevivência.

Na família de Rubi, a descrição é de um grupo com problemas sérios em função da separação dos pais, que gerou a desagregação do núcleo, ficando cada um por si. No caso da própria Rubi, esta relata que somente a aceitavam em casa com a oferta de dinheiro, chegando mesmo a acatar a realização de “programas” nas dependências da casa, desde que o resultado financeiro fosse dividido com os membros da família. Explica que iniciou a “vida” muito cedo, por não querer ver os irmãos passando fome. Foi esse o movimento das mulheres (dela e de suas irmãs), ficando os homens (os irmãos) na barra da saia da mãe. Trabalhou em casa de família, em fábricas, mas garante que, para ter onde dormir, o que vestir e o que comer, o jeito era beber muito e dormir com muitos homens. Ainda hoje, reclama dos irmãos - já que os pais faleceram e com eles não pode contar - por disputarem qualquer coisa. “Aqui, é um matando os outros, esclarece”.

Na história de Safira, esta não conheceu sua mãe biológica. Segundo o relato desconhecido de alguns parentes, ela teve a jovem de um parto gêmeo, tendo as crianças nascido com muitos problemas, uma delas foi a óbito. Desde a gravidez, a mãe já anunciava que não queria as crianças e, tão logo nasceram, a mulher desapareceu. Safira foi criada pelo pai e por uma madrasta, que a tem como mãe. O pai tinha problemas sérios com a bebida e, sempre que chegava alcoolizado, batia na filha. Aos 12 anos da jovem, desentendeu-se com a companheira e também foi embora sem deixar vestígio. Diante da situação, Safira contou com uma irmã que sempre foi muito cuidadosa com ela, embora a união não fosse marcada pelo laço de sangue, esclarece. Esta também faleceu há quatro anos. Hoje, não mantém boas

relações com a madrasta em razão de algumas escolhas que fez na vida e gostaria muito de encontrar sua mãe para saber os motivos dela, para tê-la abandonado.

No relato de Esmeralda, encontra-se uma família desajustada, com um traço marcante do reclame pela vontade materna de entregá-la a qualquer um. Segundo Esmeralda, esta não conheceu o pai biológico. Foi criada pela mãe e o padrasto até os cinco anos, sendo nesta idade entregue pela primeira vez a uma família, em Mundaú-Ce. Explica que a mãe só ficou com o irmão, entregando ela e a irmã para outras pessoas criarem, não sabendo dizer o porquê. O fato é que, desde os sete anos, já fazia tudo dentro de uma casa e sofria maus tratos por onde andava. Era humilhada, apanhava, até que voltou para casa de sua mãe com doze anos. Lembra que era muito atrevida e chegou a apanhar, “esculhambar” e fugir. Nunca pode contar com familiares. Hoje, define a família com uma mãe ausente, uma irmã perturbada e um irmão alcoolista.

No caso de Ônix, a entrevistada teve certa dificuldade em relatar sua história, e sua fala é marcada por uma extrema objetividade. Contudo, suas expressões são carregadas de emoção e seu percurso por desencontros. No núcleo familiar, foi criada pela mãe até os sete anos, quando foi entregue a uma família de Paracuru-Ce, amiga da mãe, para poder trabalhar e ajudar em casa. As lembranças que tem dos pais dizem de um casal alcoolista: o pai batia nela e a mãe, apesar do vício, era a referência de cuidados, junto com uma irmã. Na casa em que foi trabalhar, só conseguiu ficar três anos, pois sofria maus tratos. Para sair de lá, precisou fugir e contou com a ajuda de um irmão (outra importante referência familiar), pois a mãe morava no interior. Hoje, faz cinco anos que não vê a mãe, o pai é falecido, e com os irmãos encontra-se esporadicamente.

No lar de Turmalina, encontramos um cenário diferente. A jovem foi criada por seu pai, pois o casal se separou e ele não permitiu que a mãe levasse os filhos. Esta, por sua vez, já tinha outro companheiro e, embora gostasse das crianças, também não criou objeção, segundo Turmalina. A dificuldade é que, no início, a mãe não podia nem se aproximar. Explica que desde os oito anos aprendeu a se virar sozinha, e que contava com dois irmãos para ajudarem-na, porém eles morreram. Tem ainda duas irmãs com quem não pode contar muito. E, quanto aos pais, a mãe a ajuda desde que decidiu ter sua própria vida, enquanto que o pai não concorda com suas escolhas, preferindo manter a máxima distância.

4.6.1.2 Discussão da Categoria: As vivências maternas com seus cuidadores.

Com base nos relatos iniciais e nos comentários de análise, é possível considerar alguns aspectos que aproximem a teoria dos recortes de cada história que foi alcançada. Dessa forma, inicio pela relação do feminino com a família que dizia respeito ao primeiro ponto a ser estudado.

Para chegar à queixa que mobilizou esta pesquisa, partiu-se da constituição subjetiva das mães reclamadas por se acreditar que esses artistas sociais eram, antes de qualquer coisa, sujeitos e, portanto, tinham desejos.

Acontece que, para situar a mulher no contexto dessa investigação, também é importante considerar que outros personagens participaram do percurso em que se constituiu esse representante do feminino.

Teoricamente, tem-se a necessidade da intervenção de uma função de maternagem que favoreça a sobrevivência física e principalmente emocional da criança, pois segundo Freud (1905/1996a), é através da alimentação que o bebê

tem a possibilidade de ingressar no campo da pulsão, quando descobre que, para além da necessidade de matar a fome, existe o prazer do ato de sugar.

Para Lacan, a vivência inicial é relevante, pois sendo capturado pelo investimento desse Outro, o pequeno ser sai da condição de objeto e passa a se inserir no campo do desejo, condição de sujeito. Esse primeiro momento, de simbiose mãe-filho, marca sobremaneira as vivências inconscientes de uma criança e vai possibilitar as próximas experiências, com maior ou menor resistência, a depender das intervenções de que esta criança é alvo.

Freud (1905/1996a) esclarece através das fases do desenvolvimento sexual, que a criança empreende uma série de descobertas de zonas erógenas em seu próprio corpo, e este avanço permite certa exibição para a mãe, exclusivo objeto de amor. Esta condição de relação mãe-filho permanece até a fase fálica, quando a criança explora como zona de prazer os genitais. Nessa etapa, há descoberta das diferenças anatômicas, e entrada da função paterna para a vivência da castração e do Complexo de Édipo.

Lacan explora a questão mostrando que a criança aceita ser o falo materno, é o objeto primordial para atender o desejo da mãe, que insere o bebê no mundo antes mesmo de ele nascer através da linguagem, representante de seu desejo. A relação mãe-filho fica nessa condição até que um terceiro entre para realizar um corte, o Nome-do-pai, e facilitar a descoberta de outros objetos, a inserção da criança no campo da lei e da cultura.

Com base nos argumentos teóricos, a análise do material coletado que trata da história de cada mulher é atravessada não só pelo abandono das figuras parentais, como por um tratamento marcado pela condição de violência, alcoolismo e exploração.

No caso de Rubi, apesar de viver com a mãe, a expressão que atribui a esta se relaciona à passividade. A referência materna parece traduzir o interesse objetivo – quem possa ajudar, quem ofereça algo em troca. Não existiu fala de afetividade e ainda existe diferença entre o tratamento com os irmãos. O pai ausente também não traduz lei nenhuma. O limite vem da rua, da dureza da vida.

Com Safira, a referência de maternagem veio através da madrasta e da irmã. Ainda assim cercada de dor, em função da história com a mãe biológica e da morte da irmã. A lei paterna foi instituída e, na sua fala, ela explica que era uma criança ótima, até que o pai foi embora, e ela conheceu um rapaz, engravidou, a irmã morreu e tudo mudou.

Na história de Ônix, a expressão de afetividade vem através da lembrança dos irmãos, que, em sua fala, foi quem sempre cuidou dela. E sobre a lei, ela está aprendendo nos enfrentamentos da vida: já foi presa, envolveu-se com drogas e furtos.

Na família de Esmeralda, a referência materna é de quem a deseja longe. E a lei paterna veio através da violência do padrasto, tendo como consequência uma agressividade reativa. A rua foi o lugar onde esta mulher procurou meios para conseguir sobreviver.

No caso de Turmalina, a mãe descrita optou por outro objeto de amor, embora apoie os filhos, fazendo valer sua função quando deseja. O pai ganha certas fragilidades na fala da Turmalina, pois perde a mãe, teme o companheiro da filha. Mas também toma decisões, uma vez que fica com os filhos, entrega o neto para o abrigo, não aceita o companheiro da filha em sua casa. Passa a impressão de um jogo “de quem pode mais”.

Diante da expressão de cada cenário, pode-se inferir sobre que condições de subjetivação cada mulher precisou enfrentar para se dizer a posteriori cercada de papéis sociais. De outro modo, o que se pode observar é um distanciamento da relação almejada entre mãe e filha, vivenciada na realidade, por cada uma delas.

Quando se depara com uma mãe indiferente, outra que abandona, outra alcoolista, outra que entrega a filha para qualquer pessoa e outra que abdica dos filhos pelo novo companheiro, a realidade diz de crianças que precisarão encontrar recursos alternativos para se colocar no mundo, contando com o que é sobra de algum lugar. E, nesses casos, a rua parece ter sido o recurso onde foram buscar meios para suportar as dificuldades.

Quanto à função paterna, se a mãe apresentava fragilidades, a entrada do pai também foi difícil. Para Rubi, a ausência; com Safira, a agressão de um alcoolista; para Ônix, a marca também foi a bebida; com Esmeralda, o desconhecimento e a agressão do padrasto, e, para Turmalina, a oscilação.

A questão é que a relação inicial subjetiva deixa importante referência, e esta é inconsciente. Logo, os problemas posteriores, ainda que sejam enfrentados com resiliência, traduzem o investimento materno e a entrada da função paterna, que, nesses casos, foram cercados de desencontros.

Tema: Sociedade

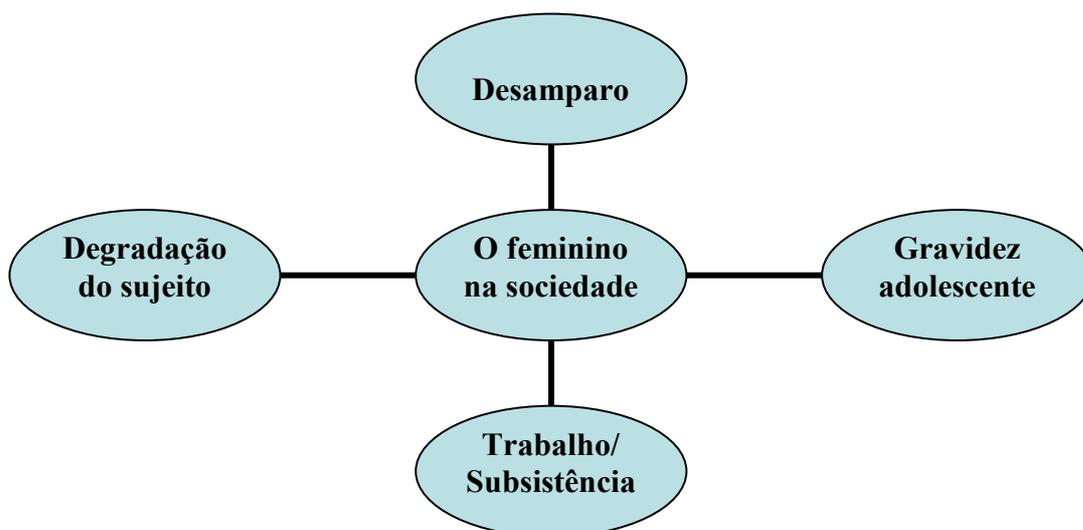


Figura 6 – Termos frequentes nas questões sobre o tema SOCIEDADE
 Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

A figura 6 apresenta alguns termos muito frequentes no discurso das entrevistadas, ao relatar em suas experiências para além do núcleo familiar, quando começaram a “se virar”, como elas dizem.

4.6.2 Categoria: As vivências maternas nas relações sociais.

O quadro 4 apresenta alguns recortes dos conteúdos fornecidos através das entrevistas. E, dessa vez, a marca que salta aos olhos ainda responde por uma tentativa desesperada de conseguir articular algum modo de continuar respirando. Da saída de casa à entrada no mundo, a diferença não tem muita nitidez no discurso dessas representantes do feminino. A dor continua e elas permanecem tentando... horas caindo, horas levantando..., tentando.

Entrevistada	Material de análise
Rubi	<p>Desde os 13 anos que batalho sozinha. Rua, dormia em calçada, vivia bêbada, um monte de coisa. (...) Morava com os outros, pagava água, sustentava tudo, mas tudo ficava na base do dinheiro, era tudo a mesma coisa. Casa de ninguém presta. Nem prestava de um lado nem do outro, pois é... Nenhum presta, nenhum. (...) Pra resumir tudo na minha vida, eu me virei. Quem me ajudou mesmo era os home com quem eu me deitava, pra ter onde dormir, pra ter onde ficar, foi tudo isso nessa base. (...) <i>Quem pode ajudar</i>: As minhas “cumadi”, tem a madrinha dele que o que eu precisar de comida, o que faltar eu vou lá, ela vem aqui e a outra dela aqui. Aqui tinha cômoda, tinha um guarda-roupa, mas quando tenho objeto, eu vendo mesmo depois eu compro de novo pra me virar. Se eu tivesse a base pra me deitar com os “homi” pra me virar pra elas eu fazia, mas hoje em dia num tem mais condições disso, 34 anos já. Conta pra pagar. Firma eu não trabalho por causa da vista, eu não olho muito tempo não, é glaucoma e 21 graus nesse. Por isso que eu não trabalho, mas o que eu puder fazer eu faço, pra criar meus filhos, eu não tenho objeção pra nada.</p>
Safira	<p>Única amiga que eu tenho é a prima de E. que é a M. e a D., uma amiga minha que eu já morei com ela (...) Ela. Minha irmã que gostava de mim. Ela que me dava os conselhos, só que eu num era muito danada não sabe, era muito calma, eu era uma menina ótima. Eu comecei com esse estilo de vida, aí confundi minha cabeça, aí eu comecei a ficar uma coisa que eu não era. (...) Foi assim depois disso a gente ficou, continuamos ficando assim sem nenhum compromisso, aí eu cheguei pra ele disse que tava grávida de novo e ele dizia que não era dele, eu nem sabia. Ele disse assim, eu nem sei se a J. é minha filha. Tudo bem pense no que você tá me dizendo, a mais tarde é você quem vai sofrer a consequência. (...) O E. me pegou num momento bem difícil também, ele pegou uma parte muito difícil, mas ele teve muita paciência comigo, aí foi aí que eu comecei a gostar de festa, comecei a beber, foi depois que eu me separei do meu primeiro marido. Eu não bebia, não fumava. Como é que faz na gandaia um par?</p>
Ônix	<p>Foi ruim. Passei três anos lá, tive que fugir de lá, porque a mulher me maltratava, batia, aí eu fugi de lá. (<i>Casa de uma mulher em Paracuru, onde trabalhou</i>). De lá eu fui pra casa do meu irmão, passei 5 anos com ele. (...) Aí depois minha mãe apareceu, mas eu não quis ir não pra onde tá ela, fiquei com meu irmão, que eu já tava estudando. E eu não queria deixar os estudos. (...) Aí depois eu vim pra cá no Maracanaú e me juntei. (...) Passei oito anos com outra pessoa, aí me separei. (...) Foi assim, chegou 2 homens lá, eu tava com meu filho eu, o Y. aí chegou lá atrás de uma pessoa aí num encontrou né aí me confundiram com outra pessoa, aí chegou com uma arma atrás de me matar, aí eu saí correndo aí deixei meu filho, num podia correr com ele. (...) Aí eu passei três dias fora sem aparecer com medo, aí eles pensavam que eu tava no meio do mundo, mas não, não tinha como eu vir pra cá porque eu tava com medo, aí ela (<i>a cunhada</i>) pegou e foi deixar no abrigo, ela mandou deixar no abrigo. Ele (<i>o pai</i>) não teve paciência com meus filhos.</p>

Esmeralda	<p>Num chamava por ninguém eu tentava me virar só, nunca contei com ninguém. (...) Hoje, eu também não conto com ninguém, ou eu resolvo do meu jeito ou eu fico na minha, ou eu choro, entendeu. Se hoje você num tem amigo, eu num conto os meus problemas que eu passo pra ninguém, eu num conto pra minha mãe, resolvo tudo do meu jeito. (...) Eu sofri muito, me casei com 14, o pai do meu primeiro filho é um drogado, aí ele me batia muito, aí num tive experiência de nada, como eu vivia em interior né, matuto. Aí sofri muito, passei 6 anos com ele, com 20 anos aí eu deixei ele. Ele me batia muito, me empurrou de escada aí eu deixei ele, aí num sei. Não são coisas boas né?! (...) Morei só um dia com minha mãe, porque nem ele (o <i>padrasto</i>) nem ela me quis dentro de casa, aí me envolvi com um pistoleiro, aí com o pistoleiro vivi dois ano, tive dois gêmeos que morreu de coração, aí eu peguei abusei ele e deixei, disse que ele fosse viver a vida dele e eu ia viver a minha, aí eu fui me embora pra São Paulo, lá em São Paulo eu tive a C.. Depois veio o B. que tive as gêmeas e depois o T. que tenho a mais nova, que abusei a C.. (...) <i>Quanto à família:</i> nunca me ajudaram não, e acho que nem que eu tivesse pra morrer eles me ajudam. Nunca me ajudaram em nada, eu que me viro em tudo, eu vendo uma coisa, vendo outra, eu faço unha, passo roupa, lavo roupa, aquele (<i>T. - atual companheiro</i>) tá recebendo o seguro desemprego mas trabalha de costureiro, aí ele arranjou pra trabalhar ali né, mas ele só quer entrar quando receber o último seguro senão vai logo ser cortado.</p>
Turmalina	<p>Assim, eu conheci ele, ele tava preso, aí minha mãe não gostava né. (...) Foi porque eu tinha uma amiga que ela tinha um namorado que tava preso, aí ela sempre me chamava pra eu ir com ela, ela ia ver ele né aí eu pegava acompanhava ela, aí chegou lá eu conheci ele. (...) Porque eu e ele nós discutia muito, muito, muito. Aí nós brigava e eu ia pra casa da minha mãe. (...) Ele só dizia que Deus mandou, num sei quê, então deixa nascer, aí eu fui ter. (...) Tanto a mãe dele quanto ele gosta é muito, a vida dele é esse menino tudim. O que ele ganha ele compra as coisas e leva.(...) Porque teve uma confusão aí, eu fui mais ele, tava levando o G. ainda, aí o E. era muito pequenininho, aí a mãe dele falou assim ó “Vocês vão e levam só o G.”. (...) Voltamos de Itapipoca e brigamos de novo, eu e o pai dele, aí eu fui me embora sozinha lá pra casa com o G., lá pra casa da minha irmã, aí no outro dia fui lá pra casa da minha mãe, porque como eu vim sem dinheiro eu também não trabalhava, aí num tinha condições de comprar nada pra ele, aí minha mãe também não tinha porque ela mora com outro homem aí eu fui deixar na casa da mãe dele pra ela ficar. (...) É que nós semo assim ó, sempre nós brigava só que sempre nós voltava, nós brigava muito. (...) <i>Sonho atual:</i> E acho que é, sei lá, estudar, terminar meus cursos.</p>

Quadro 4: Relato de vivências com parentes, companheiros e amigos.

Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

4.6.2.1 Análise da Categoria: As vivências maternas nas relações sociais

Uma vez que a história de casa deflagra inúmeros problemas, a saída para o mundo com uma série de desencontros não tardou a acontecer com cada uma das mulheres a que tive acesso. Umas mais felizes, outras, nem tanto; o percurso até chegar os filhos foi, sem dúvida, cheio de percalços.

Em função da necessidade de procurar meios para sobreviver, Rubi relatou que passou a dormir em calçada, vivia bêbeda, vendia seu corpo como fonte de subsistência. Era o meio que dispunha para não morrer. A vida nunca foi fácil e como não contava com as pessoas de casa, o apoio que recebia veio de alguns parceiros (ênfatisa um relacionamento de 17 anos com um homem casado) que se dispuseram a ajudá-la por algum tempo e de comadres, senhoras que tomou por madrinhas de seus filhos, pessoas com quem pode contar, de vez em quando, até hoje. Como não tem mais a saúde da juventude, busca meios de se sustentar pelos benefícios sociais do governo e através de uma pensão paga por um dos pais de seus filhos.

Safira explica que, apesar da relação com o pai, teve uma infância tranqüila. Era uma menina calma. Contudo, na adolescência, conheceu um rapaz, que foi seu primeiro homem, e mudou sua vida. Deixou de estudar, engravidou e passou a viver com ele. Depois de um tempo, acabaram não se entendendo, e a volta para casa foi marcada por conflitos. Nessa época, engravidou novamente, e contou com o apoio de amigos para enfrentar tantos desafios. Ainda teve outro importante relacionamento, com um homem que relatou ter sido o mais equilibrado que já teve oportunidade de conhecer, mas com ele não conseguiu se manter, porque gostava muito de farrear nessa fase. Dele, guarda boas lembranças e com ele teve seu filho

caçula. Hoje, trabalha em casa de família para poder contar com local para comer, dormir, enfim, viver. Os parentes se cansaram de suas escolhas, esclarece.

Ônix foi para a casa do irmão, fugindo dos maus tratos que sofria em Paracuru-Ce. Na ocasião, tinha dez anos e com ele ficou até os quinze, estudando em Fortaleza-Ce. Depois disso, se mudou para Maracanaú, quando conheceu um rapaz e com ele foi morar. Passou ainda oito anos, e teve dois filhos, mas o relacionamento não deu certo e tiveram que se separar. Logo em seguida, conheceu o segundo companheiro com quem teve um filho e está grávida de outro. Com este, já está há seis anos. Além dessas relações, não teve uma vida fácil, pois já teve problemas com álcool, drogas, já foi presa e hoje luta para “manter-se limpa” e organizar sua vida, pois está morando em uma casa com a família do sogro e esta situação é fonte permanente de conflitos.

Depois que voltou para a casa de sua mãe, aos 12 anos, Esmeralda só conseguiu criar problemas, vivia pelas ruas. Aos 14 anos, então, engravidou de um drogado que a maltratava muito. Com ele ainda passou seis anos. Nessa época, chegou a dormir no meio da rua. Porém, quando deixou esse rapaz, a família também não a aceitou, e ela acabou se envolvendo com um pistoleiro, com quem viveu dois anos, teve gêmeos, que morreram de problemas cardíacos. Depois, foi morar em São Paulo, onde teve uma filha, mas também não demorou, acabou voltando para Fortaleza com a menina, encerrando o relacionamento. Uma vez em Fortaleza, foi só trabalho, pois não contava com a família e precisava de um lugar para ficar. Ainda se envolveu com outro rapaz com quem teve gêmeas, mas também não deu certo manter a relação. E, por fim, está com seu atual companheiro, com quem tem uma menina. Decorrido esse tempo, todos os desafios foram vividos por

ela de forma solitária, pois as poucas vezes que precisou contar com parentes acabou se envolvendo em grandes problemas.

Turmalina é a mais jovem das entrevistadas, mas nem por isso sua história é menos rica de detalhes. Esta mulher morava com o pai e, aos dezessete anos, através de uma amiga, conheceu o pai de seus filhos que, na ocasião, estava preso. Foi visitando o companheiro preso da amiga que começou o relacionamento de Turmalina com o rapaz que dividia a cela. Desses encontros surgiu um relacionamento que é mantido até hoje, e deu quatro filhos. Contudo, a convivência do casal é marcada por conflitos, que exigem a intervenção de terceiros. Segundo Turmalina, o companheiro não é muito correto e, de vez em quando, precisa sair da cidade, por causa de suas peripécias. Hoje, a jovem mora em sua casa, conta com a ajuda da família do marido para criar parte dos filhos; mantém certo distanciamento da sua própria família que teme pelo comportamento do rapaz e sonha em voltar a estudar, ter sua independência.

4.6.2.2 Discussão da Categoria: As vivências maternas nas relações sociais

Nesse ponto de análise, a referência passa pela relação do feminino com o social, e a questão teórica que retomo diz da relação de objeto que, nos relatos, vem marcada pelo desamparo, pela degradação do sujeito, por uma busca de trabalho como subsistência e por descobrir a gravidez na adolescência.

Seguindo o raciocínio que empreendi nesse percurso discursivo, uma vez que a criança consiga o investimento inicial para sua constituição subjetiva, a continuação de suas conquistas emocionais, trata da possibilidade de entrada de um terceiro, permitida pela função materna.

Para Freud (1914/1996c), o bebê acredita ser o único objeto de atenção materno. Vivencia nesta fase o chamado narcisismo primário. Esta situação dá ao pequeno ser a segurança para explorar-se e descobrir-se enquanto desejante. Mas isto não é suficiente, pois a criança desenvolve habilidades e acaba por perceber a atenção da mãe voltada para outros objetos, e, na fase fálica, se depara ainda com a diferença anatômica dos sexos.

A visão do corpo diferente implica numa série de indagações que mobilizam a criança a explorar esta região erógena, e a descobrir o corpo materno. Nessa etapa, a mãe apresenta a função paterna como instância de lei, que impede o filho de tê-la plenamente, como objeto único de amor, e esta intervenção resulta, também, na identificação com uma das figuras parentais para a questão de gênero.

É assim, que o filho se submete à castração, pois abdica de seu objeto de amor, a mãe, e, passa pelo Complexo de Édipo, uma vez que rompe com a simbiose que tinha com a mãe, e vivencia o narcisismo secundário, quando se identifica com um ideal de eu, próprio de uma das figuras parentais que serve de referência de gênero para a cultura.

Lacan (1956-57/1995) apresenta a criança como falo materno, aceitando a posição de objeto primordial que atende ao apelo do desejo do Outro. A questão é que, à medida que a criança se desenvolve e amplia suas possibilidades, entra em choque com seus próprios desejos e precisa se deixar assujeitar pelo Outro para continuar sendo o falo. Esse é o chamado primeiro tempo do Édipo.

Contudo, uma vez que a diferença anatômica chega como indagação, o filho percebe a castração feminina e vivencia o temor da sua própria castração. Nessa etapa, entra em cena pela fala materna o Nome-do-pai, como instância de lei, intervindo para mostrar que o filho não é o falo materno, e que o pai é o

representante desse objeto, pois é para ele que se voltam as atenções da mãe, e é dessa instância que sai a interdição de seu objeto de amor. Esse é o chamado segundo tempo do Édipo.

Dessa interdição resulta a identificação do pai com aquele que possui o falo, ou seja, da metáfora paterna, da fala materna sobre a potência do pai, o filho aceita que a figura do pai é quem realmente detém o falo. Esta aceitação significa uma referência importante para abdicar da mãe para ceder ao pai, bem como um modelo na busca por objetos de amor na cultura.

No caso da menina, o filho seria a referência na busca por um falo, e a identificação com a mãe, enquanto figura de gênero, expressa uma necessidade para o alcance de uma conquista da feminilidade, para, na busca pelo masculino na cultura, encontrar a potência capaz de gerar filhos.

Segundo Fink (1997):

Em sua busca por amor e atenção, a criança é confrontada mais cedo ou mais tarde com o fato de que não é o único objeto de interesse dos pais. Seus múltiplos, e sem dúvida variados, objetos de interesse tem todos um traço em comum: desviam a atenção dada pelos pais à criança. A atenção dos pais é a coisa mais valiosa no universo da criança: é o padrão-ouro, a saber, aquele valor pelo qual todos os outros valores são medidos. (p.128)

Com esta citação, pode-se salientar a situação que foi encontrada nas relações de cada entrevistada que saíram de famílias desestruturadas, com figuras parentais ausentes ou indiferentes, e se inseriram na cultura, de modo a buscar o que não encontravam em casa. A referência não se tratava de uma busca por um

objeto amado que foi perdido, mas o que se percebe é que se tratava de uma luta para continuar vivendo.

Rubi conta sobre a venda de seu corpo e a entrega a bebida, como saída para ter como sobreviver. Nesta família, o feminino não parece ter sido valorizado, a não ser para trazer dinheiro para dentro de casa. A mãe, segundo ela, tinha mais cuidado com os irmãos. E tanto Rubi quanto as outras filhas precisaram “se virar”, enquanto a mãe saía para a rua para resolver problemas. O valor que se atribui a esta mulher na sua fala tem o preço da mercadoria, e não o investimento subjetivo de um desejo. A todo momento, Rubi deixa escapar a necessidade que tem de se fazer valer para alguma coisa, para ter algo a oferecer, e com isso ser aceita. A relação que estabelece com o mundo é de troca, é de um objeto de que se fala.

Safira evidencia suas escolhas, mostrando que, depois que se entregou ao pai de suas filhas, tudo mudou. A partir daí, muitas perdas aconteceram, e ela se viu sozinha, querendo curtir, e precisando dar conta das responsabilidades. Na sua história, não se coloca em lugar de destaque em momento algum, e a perda da irmã e o abandono do pai coroaram sua certeza de pouca importância. Quando o sonho de ter uma família também não deu certo, Safira desistiu de ser uma “pessoa legal”.

A falta de investimento materno vem pela fala de familiares, e essa mulher foi assistida por uma madrasta que a criou como mãe, mas quanto à figura paterna, esta traz a marca da bebida e fecha sua passagem com um sumiço da vida da filha. Para Safira, quando criança, só escapou graças à generosidade de estranhos, mas ainda assim gostaria de conhecer sua mãe, entender por que a deixou, porque tinha “nojo” dela quando bebê? Explica que, pelo menos, ela a entregou para o pai cuidar.

No percurso de Ônix, a mãe abdicou de seus cuidados logo que cresceu, e a figura paterna quase não aparece. Esta mulher se colocou no mundo com a ajuda

dos irmãos e conheceu parceiros que reafirmaram a fragilidade masculina, pois, por intervenção deles, ela nunca foi segura.

Segundo relata, saiu de casa para trabalhar graças a uma exigência materna e sofreu maus tratos da patroa; teve que fugir e foi amparado pelo irmão. Depois se juntou e do companheiro obteve dois filhos, não tendo ajuda da família. E, do segundo companheiro, na casa em que mora com o sogro, não pode nem falar, e o rapaz ainda entregou o filho para o abrigo. Nesse tempo, ela ainda se envolveu com drogas em função das companhias, com furtos, foi presa e agora está grávida.

Desse recorte, tem-se uma mulher que vem de uma família com pais alcoolistas, na qual a mãe não aparece nas relações de afeto e nem o pai nas questões de lei. Ônix, ainda hoje, mantém contato com os irmãos, é por eles que por quem chama quando precisa. O pai faleceu, e faz cinco anos que não vê a mãe.

Para Esmeralda, o mundo foi apresentado como uma ação reativa. Segundo relata a mãe, podia entregá-la para qualquer pessoa e a figura de pai, que ela nunca conheceu, veio através do padrasto, agressivo e intransigente. Na sua descrição, a rua e a vida é que a ensinaram como deveria agir, e explica que no começo era matuta, não sabia direito o que fazer. Quando foi morar “nas casas”, não entendia por que tudo para ela tinha que ser pior, inferior, sem qualidade. E sua história é contada assim, de qualquer jeito, o que ela queria mesmo era melhorar, porém sem ter apoio, nem saber como, sem ter afeto, nem limite. Esmeralda se coloca como uma criança sozinha e atrevida, que precisou trabalhar muito para conseguir sobreviver, pois desde muito cedo engravidou e teve que se manter sem ajuda de ninguém.

Turmalina, apesar de o casal não se entender, parece descrever a casa mais tranquila, uma vez que foi por sua decisão que parou de estudar e foi morar com o

pai de seus filhos na casa da sogra. Aos 17 anos, em meio às brigas com o companheiro, a jovem contava com o apoio da mãe, que, apesar de ausente de casa, vinha sempre que era chamada, e da sogra, que assiste seus filhos. A questão passa pela escolha do masculino, pois seu companheiro está sempre envolvido com problemas com a justiça, e o pai é uma figura ausente ou com ações radicais.

Quando se resumem os relatos, de modo a perceber o panorama de cada feminino, fica mais evidente o percurso empreendido para chegar ao problema reclamado no contexto da comunidade. Ora, quando a criança, que sofreu com o desamparo materno, desconheceu a intervenção da lei paterna, precisa se confrontar com as possibilidades da rua para encontrar algo melhor, a construção que faz de si mesmo enquanto objeto, é da ordem da falta de investimento familiar.

Dessa forma, o que se tem é a venda do corpo, é o excesso de trabalho por qualquer preço, é a vivência com muitos companheiros, é a entrada no campo da marginalidade, é a ação reativa, ou simplesmente o mero descaso com a vida humana.

A maior indagação que esta pesquisa pode ir construindo não trata apenas de mostrar que o ator social é antes um sujeito desejante, mas o que se espera com estas considerações é evidenciar que os personagens que atuam no cenário da comunidade reproduzem suas ações por intervenção de funções parentais, que, por sua vez, repercutem em outros sujeitos.

Tema:Filho

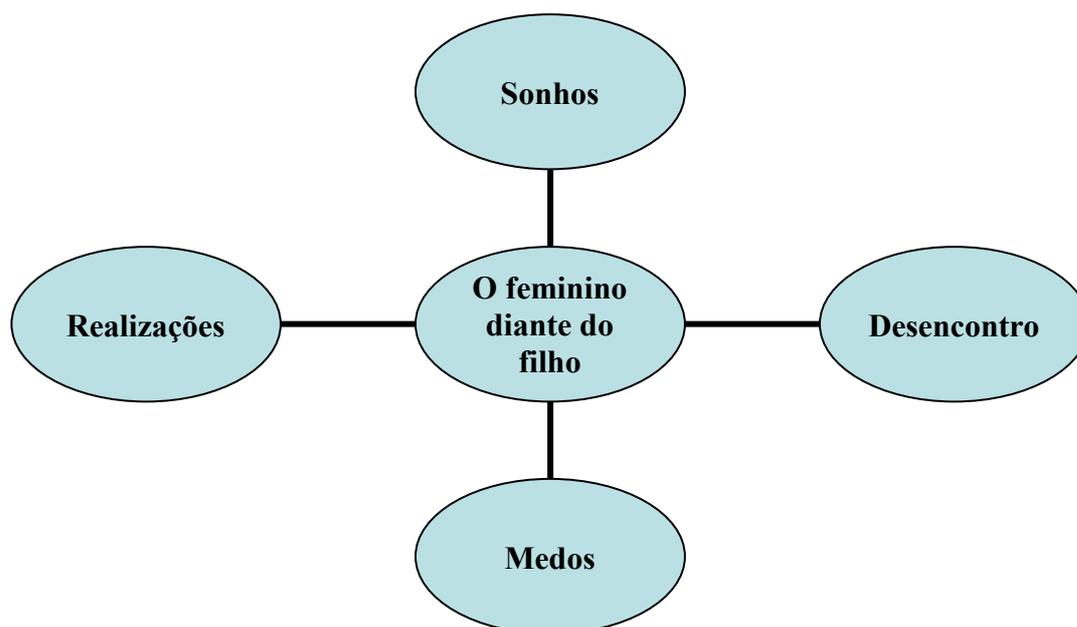


Figura 7 – Termos frequentes nas questões sobre o tema FILHO
 Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

A figura 7 descreve termos relevantes para a análise da relação do feminino com seus filhos, inclusive porque para cada mulher entrevistada encontram-se variações no trato com os filhos, que se traduzem de formas diversas – pelo gênero, pelo pai, pela idade, pela aparência etc. De qualquer maneira, é relevante enfatizar o retrato que é dado a perceber.

4.6.3 Categoria: O sentido atribuído à criança

O quadro 5 trata de relatos literais sobre os significados atribuídos aos filhos, bem como dos desencontros, que acabam por traduzir-se em grandes dificuldades no relacionamento entre mãe e filho. Em situações positivas, o contexto é um forte aliado, porém o que parece mais frequente é que o cenário seja condizente com os personagens, ou seja, confuso.

Entrevistada	Material de análise
Rubi	<p>Quando eu fui saber do M. eu pensava que era até verme, mas era gravidez, queria até abortar, mas eu não tomei nada pra abortar não. Tinha um coroa que já me conhece, que ficou comigo 17 anos casado, que infelizmente hoje não tá mais comigo, ele disse “não , num aborte não, num vou dá do bom e do melhor, mas não vai faltar nada”, e realmente na infância dele não faltou nada. (...) Quando eu olho meus filho, quando nasce que eu olho num chega o ponto de eu dar nenhum não e ai de quem atravessar meu caminho. (...) Parece, esse negoço de mexer com as coisas dos outros a gente num tem muito não, mas parece, ele é muito afoito e muito arrogante, tem a quem puxar, sou eu mesmo, eu também sou um pouco danada, desobediente também,ave,tem um aqui que, em termo de ignorância e cabeça dura é tudim, é tudim assim, quando quer fazer faz, num tá nem aí pro azar. São tudo doido, tudo arrogante, ignorante. (...) <i>Sobre o futuro para o filho:</i> É com certeza, pra tudim, uma coisa boa já que eu não tive.</p>
Ônix	<p>Gostei de ter o primeiro filho, mas depois passei mais dificuldade né, porque já tinha um, mas foi bom também. (...)Eu tive 2, do primeiro e dois desse agora, que é o Y. e esse que tá aqui agora (<i>ela está grávida</i>).(...) quando eu cheguei lá, meu filho não tava mais lá. Depois de um ano que eu descobri, que ele (<i>o pai</i>) não queria dizer pra mim onde ele tava. (...)Tudo o que eu quero é meu filho.(...) Ele é minha vida.</p>
Safira	<p>Ah, pensei, com 15 anos de idade, eu era menina réia, num tinha quase namorado não, mas eu sempre pensava, no dia em que eu tiver um filho ou uma filha, vai ser bom pra mim né, eu vou ter uma família só que num é do jeito que a gente pensa. (...) Ah fiquei alegre, claro, quem é que não quer ser mãe hoje em dia!? Eu adorei, principalmente quando eu disse assim, no dia em que eu engravidar eu quero uma menina, e foi a primeira coisa que Deus me deu, foi uma menina, a J. Só que eu tinha risco de perder ela. (...) <i>Com a segunda gravidez:</i> Aí eu não sabia o que fazer, aí a vizinha me deu a mão me acolheu, aí até que eu senti a coragem de dar uma delas duas, aí eu num dô a grande, já tá acostumada comigo. Eu dô a Jô. mas eu dô pra uma pessoa que tem capacidade de criar, de dar do bom e do melhor, porque eu não posso dar. Eu vou arrumar uma pessoa, vou arrumar, aí ela pegou e arrumou um casal, que principalmente é parente do esposo dela, família do esposo dela, hoje em dia ela tem 8 anos, tem do bom e do melhor, que eu não poderia dar a ela.(...) <i>Com a terceira gravidez:</i> Ah! Eu não queria não, eu não queria não e eu nem sabia que eu tava grávida, no primeiro instante eu não queria, queria abortar, porque eu já sofri com duas, num quero sofrer com o terceiro, passar tudo de novo o que eu já passei. Ele disse que não, que eu peguei foi um homem não foi um moleque. (...) Valha me Deus... Ah... sei lá é muito importante pra mim, hoje eles tão precisando de mim que eu to precisando acolher, como dizem não to podendo acolher eles. Eles são louco por mim, mas que depois eu vou poder, entende? Como</p>

	<p>dizem, que eu vou ter motivo pra pegar eles, ave Maria, quando eu vou deixar ela, ela fica triste os olhos meio triste, as vezes eu num quero nem deixar, vou deixar saio chorando, é assim eu gosto muito deles.</p>
Esmeralda	<p>Vim pra cá com a C. com 4 meses, aí 4 meses eu fiquei dentro de casa agüentando abuso, aí eu peguei fui trabalhar na casa de família, deixei a C. com uma colega minha, eu pagava a menina toda quinzena pra ficar com a C., aí depois a C. ficou numa casa de uma colega minha e eu trabalhando, sustentando a C., aí eu fui me envolvi com o pai das gêmeas, aí a C. tinha... Já era desse tamanhinho assim, ave Maria... Avançava em cima de mim querendo me bater, eu não conseguia dominar ela, eu tinha que amarrar ela, ela avançava, ela me mordida, ela parecia que tinha um problema, tinha gente que dizia que ela era doida, aí eu batizei ela, aí a madrinha levou ela pra ficar com uma senhora idosa que morava só. De fato eu conheci a mulher e ela tratava a menina super bem, aí quando a C. já estava grandinha disse pra mulher que quando crescesse mais, ia matar a mulher, a mulher foi e me devolveu ela, aí eu peguei a C. aí foi na época que eu tava lá na mãe, quando a C. veio, chamaram ela de mulher macho aí ela foi pra minha irmã né, aí eu engravidei dessa, aí eu abusei ela, não quis nem ver a cara dela. (...) Eu acho que ela tem a quem puxar, a família dele, que ela tem uma tia que já foi pro colégio de freira. Ela tem uma tia que foi pro colégio de freira que foi abandonada, aí parece que é a cara dela, a mesma coisa.</p>
Turmalina	<p>Não, nunca pensei em ter fi... agora não. (...) Quando descobriu que estava grávida: no começo achei ruim, porque eu pensei que ia atrapalhar muita coisa, aí depois, depois eu fui me acostumando com a idéia (...) A reação do companheiro: ele só falava, desde o primeiro dia que eu fiquei com ele, ele só falava em menino, ele tinha vontade de ser pai. (...) Primeiro foi o gêmeos. Eu nem sabia não, vim saber na hora, porque como eu fui ter prematuro, eu tinha sete mês só aí que soube, eu não tinha batido ultra-som porque não deu tempo, porque foi sete mês aí eu fiz na hora da cirurgia, da operação que eles disseram que era dois menino gêmeo, aí eu fiquei assim sabe, dois?! (...) Quando nós brigava no começo eu não podia criar dois menino aí eu peguei e levei um comigo aí deixei o outro com a avó dele, porque não tinha como cria os dois menino. Aí disse que eles não podia ficar separado né, que como é gêmeo né, aí a família dele falou que tinha que ficar junto porque é gêmeo, aí pegou o outro menino também o G. aí eu deixei levar. (...) Não, eu não queria, porque eu não queria deixar ela levar ele, eu não queria de jeito nenhum, aí todo mundo dizia “mulher deixe levar que é melhor que não pode separar num sei o que...” aí eu peguei e deixei”. (...) Aí depois disso engravidei de novo. Vixe... eu fiquei assim, porque eu já tive dois filhos gêmeos e em pouco tempo eu já vou ter outro. (...) Quando ele nasceu eu fiquei um bocado de tempo ainda, eu ainda passei 20 dias com ele no hospital, que ele pegou infecção, aí eu passei o dia todo no hospital no Albert Sabin aí pronto, aí depois ele ficou com a avó dele. (...) Aí depois veio a Ju. Ela parece com a minha mãe. (...) Desde quando eu discutia mais ele, eu não levava o</p>

	menino, aí quando eu discutia, brigava feio assim eu pegava e levava ela. Pra onde eu ia eu levava ela debaixo do braço (...) Eu nunca deixei ela aqui, nunca.
--	--

Quadro 5: Relato de vivências a partir da maternidade e significados atribuídos ao filho.
Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

4.6.3.1 Análise da Categoria: O sentido atribuído à criança

O encontro com o mundo é um marco para o processo de cada uma das entrevistadas. Em cada relato, a ida para a rua representava o ideal de encontrar algo melhor que nunca foi achado em casa. Porém, como nem sempre as fantasias se realizam, o que acabou por chegar não representava o ideal imaginado. E, no cenário dos sonhos, a maternidade surgiu para todas como um grande choque de realidade.

Rubi, quando engravidou, estava no auge de sua embriagues juvenil. Quem deu conta de seu estado foi o companheiro, o senhor casado que a ajudava. Logo que soube, pensou em tirar a criança, mas foi contida por esse homem. No seu relato, não fez menção ao pai do menino. O bebê nasceu e se tornou um garoto muito trabalhoso. A mãe já passou por momentos de espancamento com o garoto para poder conter suas travessuras, é assim que explica. Além dele, teve duas filhas, com dois outros homens. A menina do meio, recebe ajuda do pai e é como tem se mantido. A mais nova ainda mama. E a maior preocupação de Rubi é que os filhos não venham a sofrer o que ela sofreu, principalmente, as meninas. Afirma, com muita altivez, que, enquanto vida tiver, suas filhas não precisarão vender o corpo, nem depender de homem nenhum.

Safira sonhava aos quinze anos em ter sua casa, seu filho, uma família. Quando engravidou, descobriu que não era bem assim. O rapaz que inicialmente chegou a montar uma casa para morar com ela acabou se tornando um tirano. E

mesmo depois de terem se separado, ela engravidou uma segunda vez, e o jovem acabou por negar a paternidade e duvidar da primeira. Safira rompeu o relacionamento e contou com a ajuda de uma amiga para dar a segunda filha a uma família, por razões financeiras. Passou então a entregar-se à farra, foi quando conheceu outro rapaz, com quem teve um garoto. Este homem, segundo seu relato, era bacana, mas ela não estava bem, e ele acabou se saindo, embora sempre ajudasse com as despesas da criança. Pouco tempo do rompimento, Safira, que já não contava com o apoio da família por causa de suas atitudes, procurou trabalho em muitas portas. Relata que foi um tempo de muitas humilhações com seus dois filhos. E, com a ajuda da irmã de seu último namorado, acabou entregando o casal de filhos para o abrigo. Hoje, diz lamentar a ausência das crianças, mas ainda não dispõe de condições para ficar com eles. Gostaria de oferecer tudo que ela nunca teve.

Na história de Esmeralda, os filhos chegaram com a mesma rapidez que os seus companheiros, com o agravante de que não podem partir junto com eles. Dessa maneira, essa representante do feminino teve um filho, de quem nunca cuidou, ficando sob os cuidados da avó paterna; teve dois meninos gêmeos que morreram de problemas cardíacos de um outro rapaz; teve uma menina de um companheiro em São Paulo, esta vive abrigada e a mãe está lutando por sua guarda, depois que decidiu querer a filha, uma vez que a menina era muito trabalhosa e pelo nascimento de uma irmã caçula, diz ter “enojado” a criança; teve, ainda, duas gêmeas, de outro homem, com quem passou algum tempo, e, por fim, tem uma caçula, do seu atual companheiro. Explica que já passou muita dificuldade e por isso já teve que deixar as filhas sob os cuidados de algumas pessoas, mas agora está na sua casa e conta reunir todas no mesmo lar, por isso briga pela volta

de sua menina mais velha. Diz ter receio de que as filhas acabem crescendo revoltadas, assim como ela é com a mãe, que a criou como um “boléu, de mão em mão”.

Por causa de seu discurso muito restrito, de Ônix tem-se pouco a considerar. No que diz respeito aos filhos, quase não se reportou a eles durante a entrevista, a não ser para explicar que tinha dois filhos de um primeiro relacionamento que morava com ela na mesma casa, a do atual sogro, e que o filho que tinha com o seu atual companheiro estava abrigado, por responsabilidade dele. Ela hoje estava cuidando para que ele voltasse para casa. Além disso, está grávida novamente desse mesmo rapaz. A pouca fala que expõe sobre os filhos retrata a opinião de que são sua própria vida e que lamenta não ter lugar para ficar melhor com eles.

Para a jovem Turmalina, as crianças não ganham tanta expressão. A maior preocupação que esta mulher apresenta diz respeito à não adoção de um dos filhos que está abrigado; quanto aos demais, não parece ter grandes expectativas. Turmalina tem quatro filhos do mesmo companheiro, com quem vive até hoje. Teve do primeiro parto dois meninos, gêmeos que nunca foram criados por ela, um está sob os cuidados da avó paterna e o outro está abrigado; teve ainda um outro menino que a mesma avó também cria porque a mãe nunca se interessou, e teve uma menina, a caçula, filha esta que Turmalina não larga por nada desse mundo. Explica que é uma filha fêmea, e precisa ser cuidada, dela não solta, não deixa com ninguém. Deseja tudo do melhor para todos os filhos, mas cuidar mesmo basta a menina, esse é o seu jeito de gostar, esclarece.

4.6.3.2 Discussão da Categoria: O sentido atribuído à criança

Em função dos conteúdos das entrevistas, outra importante categoria trata da relação do feminino com o filho. Esta leitura do campo se traduz na teoria tanto na relação de objeto quanto na questão da repetição inconsciente; de qualquer maneira é importante salientar que, no recorte das histórias dessas mulheres, encontram-se sobre a relação com seus filhos: realizações, sonhos, desencontros e medos.

Freud (1905/1996a) apresenta a leitura sobre a relação mãe e filho, inovando sobre diversos aspectos, uma vez que acentua a importância do investimento pulsional para que a criança possa, partindo da necessidade corporal, ingressar na instância do desejo pela descoberta do prazer em diversas partes do corpo.

Com o circuito pulsional (Freud, 1915/1996d), empreende uma visão sobre o aparelho psíquico que coloca as ações e escolhas objetais reguladas pelo princípio do prazer. Dessa maneira, a pulsão seria a fonte mobilizadora da iniciativa humana, que utilizaria de conteúdos inconscientes para aumentando a tensão do aparelho psíquico, voltar-se para “objetos ou ações específicas” que ocasionariam alívio, ainda que parcial, para o sujeito, alvo da pressão inconsciente.

Em (Freud, 1920/1996f), esta visão se altera em função da observação de escolhas, por parte do sujeito, que não correspondiam ao princípio do prazer. Na elaboração teórica, Freud define que a mobilização pulsional se regula por uma volta ao familiar, retorno ao inanimado. Isso implica numa postura do sujeito que o leva à repetição de vivências anteriores, com base em registros infantis, em referências mnemônicas, mesmo que desprazerosas.

Lacan, por sua vez, apresenta a relação mãe e filho, considerando a instância do falo e sua relação com o Outro. Quanto ao fenômeno da repetição, explora a dificuldade do sujeito perante suas escolhas objetais, ressaltando a questão do

gozo, considerando três formas de gozar: o gozo fálico, que expressa a possibilidade de uma escolha por objetos que demandem um alívio parcial da tensão inconsciente; o mais-gozar, que diz respeito à energia impedida pelo falo de chegar à instância do consciente, é o gozo residual e o gozo do Outro, que corresponderia à descarga plena da tensão inconsciente.

Nessa forma de ler a repetição, a resistência seletiva que mantém o equilíbrio do aparelho psíquico seria o falo e as diversas formas de descargas, o gozo. Assim, o falo estaria para o recalçamento freudiano, como o gozo estaria para a pulsão.

Das contribuições dos clássicos para a temática desse trabalho, a relação que se considera trata de uma escolha de objeto – a mãe que escolhe deixar seu filho com o poder público. Esta escolha se fundamenta no percurso subjetivo da mulher que gerou a criança e que se constituiu com a intervenção de outros personagens – as figuras parentais e os cuidadores. E estas vivências deixam marcas inconscientes, que se apresentam por meio da resistência ou da repetição.

Com base nesse arcabouço teórico, os recortes da relação de cada mulher entrevistada com seu filho ganha outro tom, ainda porque muitos enganos parecem permear esses dramas familiares.

Para Rubi, a relação com os filhos diz de uma necessidade de acertar ou de fazer direito, como não fizeram com ela. Principalmente com as filhas, esta mãe enfrenta muitos desafios para conseguir oferecer algo que nunca foi dado a ela. Quanto ao filho, este já foi abrigado. Com ele, a mãe não consegue lidar, é um representante da falta de limite.

Com Safira, a mulher não conseguiu suportar ver os filhos passarem tanta dificuldade e acabou dando a segunda filha para uma família criar, por ter melhores condições. A filha mais velha foi a realização de seus anseios de ser mãe e o filho

mais novo recebe ajuda do pai – ambos os filhos estão abrigados, porque Safira não tinha onde ficar com eles e precisava trabalhar. Nas alegações desta representante do feminino há expressa vontade em tê-los com ela, mas parece contraditória com suas ações, pois evita a visita ao abrigo, porque diz sofrer quando sai e os deixa chorando. Tem muito medo de que acabem sendo adotados e gostaria de oferecer o que não teve.

No caso de Ônix, os problemas desta mulher parecem atrapalhar sobremaneira a relação da mãe. Foi assim que, por causa do uso de drogas, acabou sendo perseguida e deixou o filho, que o companheiro entregou para o abrigo. Depois disso, foi presa e só com quase um ano descobriu onde o filho estava. A relação com as crianças é atravessada por uma série de intercorrências, embora o atual companheiro receba os dois filhos que ela tem do primeiro relacionamento. Contudo, existe uma passividade perante a prole que salta aos olhos. Exemplo disso é a falta de registro do garoto abrigado, que a mãe alega não ter documentos porque ela mesma perdeu os dela. Enquanto isso, o menino continua no abrigo, mas muito querido, segundo o seu discurso.

Para Esmeralda, a relação com os filhos também é um desafio, pois o primeiro filho já foi tirado de seus braços por meio de chantagem, uma vez que o pai queria voltar ao seu convívio e, não aceitando a proposta, ele acabou por levar o menino para a avó paterna criar. Hoje o garoto tem 14 anos e mantém pouco contato com a mãe. Ao longo de sua vida, esta mulher teve filhos, assim como parceiros e, só agora, espera recuperar a união de todos. Hoje luta para trazer uma filha que está no abrigo para morar com ela. As demais já estão na sua casa. Na expressão sobre o relacionamento com as três filhas com quem mora, tem uma preocupação com as questões voltadas para a sexualidade e uma imposição de

limites, para conseguir oferecer o que não teve e evitar que as filhas sofram o que ela sofreu, explica.

Na história de Turmalina, nem todos estão em sua companhia. Dois meninos estão com a sogra e um garoto está no abrigo. A mãe só quer aos seus cuidados a “filha fêmea”, como ela diz. A jovem mulher mora em sua casa, com o pai das crianças, mas seu interesse está voltado para outras realizações, gostaria de estudar, ter uma profissão. E, quanto aos filhos, diz querer bem, afirma que a sogra é a pessoa ideal para ficar com eles. Não quer que seja adotado o menino que está abrigado, mas também não deseja ficar com os meninos-machos.

Diante do exposto, pode-se inferir sobre as condições para que cada mulher venha a exercitar a maternagem, quando ao longo deste escrito foram apresentadas as vivências parentais de cada entrevistada, carregadas de intervenções com pouco afeto, e poucas referências de limite.

O que se percebe pelos discursos colhidos é uma intenção em fazer diferente das experiências infantis, mas, ao mesmo tempo, uma resistência que as leva a uma repetição sobre um descaso a propósito das condições de sobrevivência de cada criança.

Tema: Instituição

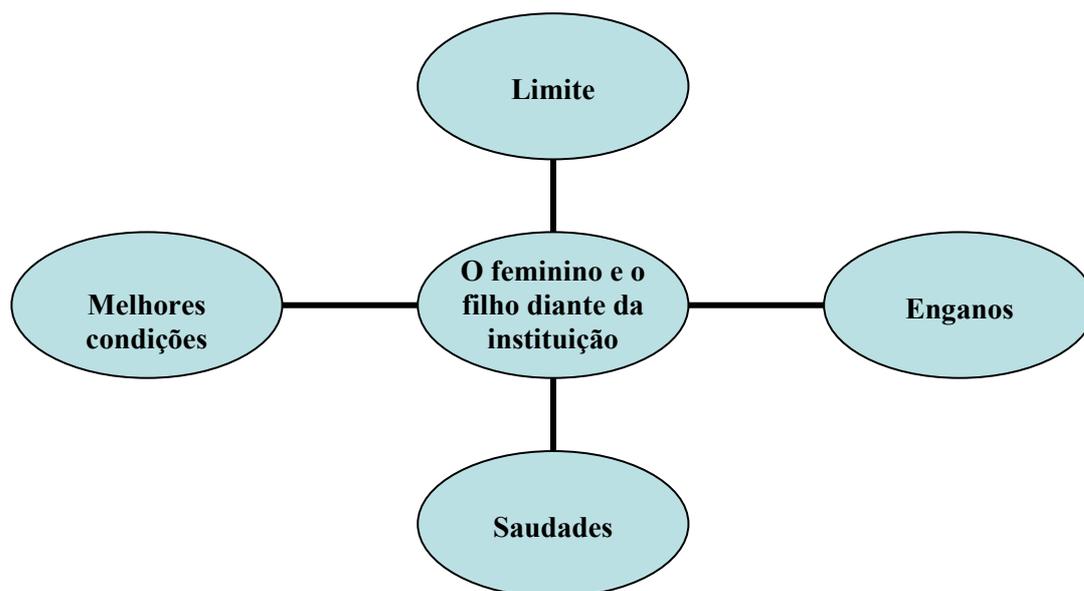


Figura 8 – Termos frequentes nas questões sobre o tema INSTITUIÇÃO
 Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

A figura 8 explora o que parece permear o universo de explicações que mobilizam a relação entre a família e a instituição. Ao questionar sobre as razões que levaram a mãe a procurar o poder público para a entrega do filho, algumas palavras foram, de certa forma, surpreendentes, pois traduzem aspectos da realidade não percebidos no primeiro olhar, uma vez que descrevem questões imaginárias, lógicas diferenciadas.

4.6.4 Categoria: O lugar do abrigo na vida de cada família

O quadro 6 tenta considerar trechos representativos da entrevista que demonstrem a diversidade de posição em que se coloca a instituição no imaginário dessas mulheres, com seus cenários. É valioso ponderar que a imagem construída ganha força também pelo contexto, e pelos figurantes de cada história.

Entrevistada	Material de análise
Safira	<p>Num é fácil não, todo mundo fica batendo as porta. É difícil hein?! Quem é que vai querer a gente com dois filhos? (...) Eu morei com uma mulher lá, vivia depois da rua do E. Ela me aceitou, depois de um tempo me mandou embora. (...) Meu Deus eu não tenho pra onde ir, foi aí que minha cunhada me acolheu, aí que eu pedi a ela ajuda, porque ela trabalhava no conselho tutelar, aí eu é que pedi uma vaga pra ela e ela conseguiu e ela disse que eu ia sofrer um pouco, mas ia me acostumar. (...) <i>A fala da cunhada:</i> Mas você vai tirar eles de lá, você não perdeu eles, você tá querendo um canto pra eles.(...)</p>
Rubi	<p>Esse foi que tava fazendo coisa errada, andando com gente que não presta, aí eu fui e dei uma surra nele, o povo foi e se meteu e ele acabou esbarrando lá no abrigo pra aprender. (...) Gente que não presta que é do mesmo meio e que não tem sanidade é que apoia o erro que o filho faz, eu não apoio, filho meu roubando, eu não apoio, se meu erro foi esse de ser radical nessa vida, eu não apoio pronto e acabou. Se errar eu chego ali (<i>no conselho tutelar</i>) e num tem esse negócio de passar a mão por cima não, num passo não, esse negócio de fazer coisa errada, faz tudo de novo, e eu sou pai e mãe tenho que ser dura, hoje em dia não digo que o mundo tá aí fora, pra ele ensinar, ele que sabe, e eu explico pra ele, eu digo pra ele, digo tudo o que passei, digo olhe, você não queira tá na casa dos outros não, que só aceita quando a gente tem dinheiro, poucos dias, mas depois, ó você não é ninguém, depois isso vai servir pro resto da vida. (...) Hoje em dia tá aí, eu não bato não, tá aí a porta, tem a justiça, ele sabe.(...) Eu disse pra ele que eu não vou, quer ficar comigo fica num quer, aí eu nem liguei... aí ele andou furando as orelhas, depois ele mesmo tirou por conta dele o brinco e veio me perguntar, eu disse que não sabia mais de nada que a vida dele estava entregue ao conselho tutelar, você tá aqui, mas sua mãe e seu pai agora é o conselho tutelar, o que você fizer, eu tenho que procurar ele, lhe bater, lhe matar num vai adiantar mais de nada, você já tá grandinho. Pronto num liguei mais em nada, acho que ele se mancou e pronto agora fica em casa.</p>
Ônix	<p>Eu perguntava onde ele tava, ele (<i>o pai</i>) disse que não ia me dizer, aí depois eu descobri sozinha, que ele tava bem pertinho de casa, aí eu passei a visitar.(...) Assim, eu ia olhar só do portão, porque eu não tinha permissão. Aí a mulher mandou eu pedir permissão, eu tinha que ir lá no Creas, falar com o pessoal lá pro juiz dá autorização.</p>

Esmeralda	<p><i>A mãe ao mandar a filha para a cada de uma irmã:</i> deixa a C. aí, não deixa ela sair pra nenhum canto, não maltrate ela, aí deixei a C. lá. Aí os vizinho dizia que ela (<i>a tia</i>) espancava a C., depois que a C. foi pra lá que eu apareci por lá eles me disseram que ela ficava batendo na C., e a C. ficava no meio da rua, deixando a C. sozinha e eu tava dizendo que não era pra deixar a menina sair num sei o que, eu ficava conversando com a C. (...) Eu queria bater e na mesma hora não tinha coragem, porque assim, ela num viveu muito tempo comigo, eu num tinha coragem, só ameaçava, aí ela se danando, eu vendo a hora acontecer alguma coisa com ela, aí foi na época que eu sai grávida, e abusei da cara da C., não podia nem ouvir a voz da menina. Aí K., minha irmã ligou né, ligou pra a assistente social eu nem sabia, mulher, ela foi lá praulá e chamou, a assistente social foi bater lá em casa, eu tava lá na mãe, aí ela foi e disse que iria levar a C. para o abrigo. Essa parte eu num sei direito não, mas eu disse, pois então, pode levar ela, melhor, que se é de ela tá na rua, pode levar, aí ela disse posso levar? Pode, não tem problema. Só que as conversa lá eu não sei, tá entendendo?</p>
Turmalina	<p><i>A partir de uma briga com a cunhada o companheiro pediu que ela saísse de casa com o filho G. e fosse para a casa do pai.</i> Só que quando chegava lá o meu pai não gostava, aí o pai não deixava. Aí eu falei pra eles, então não vou levar não. Porque meu pai não dá conta desse menino não. Não leva, leva, e eu falei que não ia levar, aí eu peguei levei ele até a parada do ônibus e entreguei o menino pra ele, peguei o ônibus e fui pra casa de uma tia minha, sozinha, aí deixei o G. com ele, e ele não queria, queria que eu levasse o menino. (...) Aí quando foi de noite, meu pai mora lá no Timbó, quando foi de noite ele pegou o menino e foi deixar na casa do meu pai, pensando que eu tava lá, só que eu não tava. Eu tava na casa de uma amiga minha. Aí o pai não queria ele lá, ele chegou lá com o menino, falou que eu tava lá escondida e meu pai “rapaz ela num tá aqui não” e ele “tá, tá e tá”. Aí pegou e deixou o menino lá. Pensando que eu tava lá, só que eu não tava. Aí depois foi que eu soube que G. tava lá, por uma amiga que me disse. (...) Com pouco tempo eu sofri um acidente e fiz uma cirurgia, aqui ó, aí eu não podia se abaixar, não podia fazer quase nada. Aí num tinha condição de eu olhar o menino, também num sabia dizer onde que a avó dele mora pra ir deixar né. Aí meu pai num tinha condição aí pegou e chamou o conselho tutelar. Aí mandou levar a criança, porque não sabia o que fazer com o menino. Não sabia onde deixar, não sabia a quem chamar. (...) <i>A mãe espera que a sogra fique com os filhos:</i> Eu pensava até que eu vinha hoje pra cá pra arrumar os papéis. Ela falou que eu ia chegar arrumar uns papéis aí sobre ele, aí eu pensei até que era sobre isso. (...) <i>A relação com os filhos:</i> Sempre por perto, é. Ele tá ali, eu aqui, eu vou lá vejo ele.</p>

Quadro 6: Relato do acesso da criança ao abrigo e da representação da mãe sobre esta situação.

Fonte: Elaboração própria (dados da pesquisa), 2009.

4.6.4.1 Análise da Categoria: O lugar do abrigo na vida de cada família

A instituição abrigo neste estudo é o representante mais contundente do que chamo de poder público, pois é para este lugar que as mães ou algum membro da família procuram os diversos equipamentos do estado para deixar suas crianças. Contudo, embora pareça desempenhar a mesma função, o significado que é dado para o abrigo ganha cores diferentes em cada discurso a que tive acesso.

Rubi teve seu menino abrigado, depois de uma grande confusão em sua casa. Os vizinhos chamaram o conselho tutelar e denunciaram a mãe por maus tratos contra seu filho. Na ocasião, a criança estava sendo espancada porque havia sido acusada por um vizinho de ter roubado um objeto. A assistente social conversou com a mãe, explicou a situação, ouviu a história e perguntou das condições para a manutenção da criança naquela casa. O problema foi tão sério que o menino fez até uma tomografia, pois havia levado muitas pancadas na cabeça. Rubi esclareceu que não podia conter a criança e que, enquanto o menino não a respeitasse, era melhor que ele ficasse no abrigo. O garoto passou muitos meses nessa condição e hoje está de volta à casa materna, mas é frequente a associação que a mãe faz da volta para o abrigo, caso o menino venha a criar algum problema.

Para Safira, o abrigo chegou através do contato com a irmã do pai de seu filho caçula. A cunhada trabalhava no conselho tutelar e diante da situação que desenhava, vendo a jovem sem contar com o apoio da família, sem querer o pai de seu filho, e sem conseguir emprego carregando duas crianças, orientou pela entrega dos dois pequenos ao abrigo, explicando que não seria uma condição definitiva. Para esta mãe, o abrigo é o lugar onde as crianças dispõem da condição que ela não tem para dar, de alimentação, higiene, cuidados mínimos, até que a própria Safira possa ter tudo isso organizado. O problema é que, em seu relato, ela explica

que evita de visitá-los pelo sofrimento do encontro e não sabe se um dia vai conseguir dispor do que eles precisam, mas também não aceita que sejam adotados.

No caso da Esmeralda, a filha que foi abrigada tem um histórico de muitos problemas de comportamento e foi criada passando por muitos lares em função das dificuldades que a mãe teve que enfrentar. O fato é que, segundo a mãe, quando estava grávida de sua filha caçula, abusou até da voz de sua filha mais velha, e pediu que a irmã ficasse com a sobrinha. Na ocasião, conhecidos diziam que a menina estava muito solta, faltava à escola, era agressiva, tinha más companhias. E o que acabou acontecendo foi que o conselho tutelar foi acionado, a mãe não sabe explicar direito de que forma tudo procedeu, e a assistente social, quando veio conversar com ela, disse que a menina iria para o abrigo das irmãs, caso a mãe não tivesse como garantir os seus direitos. Prontamente, Esmeralda permitiu o abrigamento por compreender que a filha estaria em uma espécie de colégio interno, dispondo de ótimas condições, e por um curto espaço de tempo.

Para Ônix, a realidade foi muito difícil, pois o abrigamento do filho somente foi descoberto quase um ano depois de realizado. Conta esta mãe que precisou sair às pressas de casa, em razão de dois homens que a perseguiram por engano. Dessa situação fugiu e só voltou três dias depois, não dando nenhuma notícia para as pessoas da casa. Quando chegou, seu filho, que tinha nove meses, não estava mais lá e ninguém dizia para onde o tinham levado. Na procura descobriu quase um ano depois, passando por cadeia, já grávida de outro filho, que o pai havia concordado com a cunhada de o entregarem para o abrigo; um garoto que não tem nem registro ainda. Hoje, está batalhando para conseguir seu filho de volta, mas ela mesma

perdeu todos os documentos, e não conta nem com o apoio da família, nem com condições para cuidar do pequeno, que vai sempre visitar na instituição.

O abrigo do filho de Turmalina responde por um recorte circunstancial que acabou se mantendo. A partir de uma discussão da jovem mãe com uma cunhada, o companheiro pediu que ela fosse com o garoto para a casa de seu pai, enquanto esfriavam os ânimos. Turmalina sabia que o pai não a queria por não concordar com seu relacionamento, então saiu, deixando a criança e foi para a casa de outros parentes. No mesmo dia, o companheiro de Turmalina foi deixar o menino na casa do avô, e não encontrou a mãe. Foi o motivo que faltava para o rompimento do casal. Pouco tempo depois, Turmalina sofreu um acidente e não pode cuidar de seu filho. O avô chamou, então, o conselho tutelar e pediu que levasse a criança para o abrigo. A mãe, como estava debilitada, não se opôs. Hoje, teme pela adoção da criança, mas não quer ficar com o filho. Esclarece que o melhor seria sua sogra cuidar dele, assim como faz com outros dois. Assim o veria sempre que quisesse, e não precisaria se preocupar em perdê-lo para outra família.

4.6.4.2 Discussão da Categoria: O lugar do abrigo na vida de cada família

O lugar da instituição chegou para esta análise no final da pesquisa, em função da construção de significados que ao abrigo foi atribuído e pelos desencontros que parecem demarcar as histórias aqui registradas. Nas entrevistas, encontram-se associados à instituição os termos: limite, enganos, melhores condições e saudade.

Para cada mãe, a instituição ganhou certo acento em função de uma representatividade ou de um desafio a ser enfrentado. Lugar de lei para Rubi; espaço de melhores condições de alimentação e higiene para Safira; colégio interno

para Esmeralda; onde esconderam meu filho, no caso de Ônix, e onde guardam meu menino enquanto a avó não vai buscar, segundo Turmalina. De qualquer modo, o abrigo é um lugar onde as crianças estão guardadas, as vezes sem visitas, porque, na cabeça dessas mulheres, a questão é de um tempo que parece não passar.

Para considerar a categoria à luz da construção teórica, o lugar dado ao abrigo, à instituição, ao poder público parece representar uma interdição que diz respeito à função paterna, pois protege, dá limites, é provedora de condições mínimas de sobrevivência, enfim, intervém como terceiro na relação da criança com a mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que perpassou todo o estudo e que agora retomo, a fim de trazer as considerações finais, dizem da queixa que advém do social por algumas mulheres não assumirem o papel de mães diante de seus filhos e, em função disso, que significados seriam atribuídos às crianças por parte delas.

Ora, o primeiro ponto que foi analisado teoricamente permitiu perceber que as mães, antes do papel social, são mulheres e que, portanto, são sujeitos. Isto significa que a regulação psíquica passa pela estrutura inconsciente, permitindo uma série de incongruências entre os anseios particulares e as expectativas sociais.

Isto, contudo, resulta de uma construção realizada ao longo de um percurso que inclui uma série de personagens que deveriam investir libidinalmente na criança, futura-mulher, para posteriormente favorecer a inserção na cultura com todas as possibilidades de afeto e compreensão da lei.

Entretanto, o que relatamos, a partir das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, foi uma realidade na qual a mulher precisou crescer “se virando”, para continuar sobrevivendo. A história de vida de cada representante do feminino aqui evidenciada trata de muitos atravessamentos objetivos, que funcionaram como fonte de mobilização psíquica, isto é, as construções de cada mulher parecem relacionadas muito mais com a questão reativa do comer, do se defender, do sobreviver – do que ligadas às construções simbólicas.

A maternagem que foi expressa nos casos relatados cercava cada feminino de exigências, de divisão de tarefas e, às vezes, de troca de papéis. A criança era responsável por manter a casa. E a figura paterna, quase sempre inexistente,

quando aparecia, era acompanhada de violência ou de indiferença; marcas muito complicadas, para apresentar o sujeito à lei, e favorecer sua inserção na cultura.

Em função desse percurso familiar, a saída para o mundo também foi associado a uma série de desencontros. E os filhos chegaram através das escolhas e descobertas que a rua e os relacionamentos proporcionaram para estas mulheres.

Cada mulher foi buscar fora de casa condições afetivas e recursos materiais que não encontravam na família. Nessa busca, as crianças chegaram e a questão é que as melhorias desejadas não incluíam os filhos, ou, ainda, sem condições não dá para ter filhos.

Além disso, de aspectos objetivos, observados e expressos nas entrevistas, existe a questão subjetiva que o discurso teórico foi construindo durante a pesquisa e que os casos demonstraram ao final: cada “feminino” teve o investimento afetivo comprometido na infância por um conjunto de intercorrências que a colocam no lugar de objeto desvalorizado, e a lei, outro aspecto relevante para a constituição subjetiva, foi apresentada pela via da agressão e da violência, em casa, na rua e na vida.

Diante desse cenário e considerando a lógica desenvolvida nesse trabalho, uma outra perspectiva se descortina – a vivência inconsciente das experiências infantis que marcam o sujeito e retornam como sintoma, numa busca pelo que é familiar.

Ainda que cada mulher almeje melhorias para sua prole, segundo o discurso psicanalítico, as experiências inconscientes deflagam afetos que mobilizam o sujeito e isto o leva a retomar traços relacionados à sua própria vivência. De outro modo, cada mão só pode oferecer o que ela possui, e, no empenho de fazer melhor do que

fizeram com ela, esta mulher enfrenta uma série de resistências subjetivas, em função de seus registros inconscientes.

Por outro lado, pode-se concluir pelo fracasso da maternagem para todas as mães que não tiveram o investimento afetivo ideal? Não, não se trata de uma relação objetiva. Porém, em função da reflexão proposta ao longo dessa pesquisa, que esperava também dialogar com outros saberes, é relevante ponderar sobre a instância desejante e o investimento libidinal que se faz sobre cada sujeito, para, a partir disso, saber o que dele solicitar, e não incorrer no erro de pedir o que ele não tem para dar.

Não se pode julgar ou avaliar a situação apenas da superfície, a questão exige certa profundidade. E, quanto ao significado dos pequenos, se utilizarmos as palavras literalmente, direi que *é tudo de bom*, na vida dessas mulheres, porém, na tradução dos fatos, é difícil expressar, exatamente, pois é contraditório, é ambivalente o modo como se relacionam.

De qualquer maneira, acredito que esta leitura tenha possibilitado uma visão diferenciada da questão social que se percebe tão frequente. Avalio, ainda, que a forma buscada por esta investigação de associar um problema concreto e instigante da realidade de um município do nordeste brasileiro à luz de conceitos de uma teoria como a psicanálise, em particular, a questão do falo, venha ajudar a desmistificar a ideia inicial que se possa ter do difícil diálogo entre saberes – a realidade social exige que façamos diferente.

Portanto, embora ciente de que se trata de um recorte que não tem a pretensão de concluir com uma verdade absoluta, percebo esta pesquisa como uma contribuição para as questões a que se propôs, uma vez que salienta a existência de um discurso feminino, enfatiza as variações de significado que dele nascem em

função das contribuições que obteve ao longo do percurso subjetivo e que favorece a leitura dessa realidade por outros saberes.

REFERÊNCIAS

- André, S. (1987). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bauer, M.W. & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Benhaim, M. (2007) *Amor e ódio: a ambivalência da mãe*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Couto, L. (1996) *A Pesquisa em Psicanálise entre a ciência normal e a revolução científica*. Artigo da Pesquisa em Psicanálise. 1(16). Setembro. Coletâneas da ANPEPP.
- Creswell, J. (2007) *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Deslandes, S.(1994). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. In Maria Cecília Souza Minayo (org). Rio de Janeiro: Vozes.
- Dor, J. (1989). *Introdução a Leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fink, B. (1998). *O Sujeito Lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Freud, S. (1996a) *Três Ensaio Sobre Sexualidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1996b) *Sobre as teorias sexuais infantis*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908)
- Freud, S.(1996c) *Sobre o Narcisismo*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914)
- Freud, S. (1996d) *Os Instintos e suas Vicissitudes*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1996e) *O Inconsciente*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915)

- Freud, S. (1996f) *Além do Princípio do Prazer*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- Freud, S. (1996g). *A Dissolução do Complexo de Édipo*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924)
- Freud, S. (1996h) *Algumas conseqüências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925)
- Freud, S. (1996i) *A Sexualidade Feminina*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1931)
- Freud, S. (1996j) *A Feminilidade*. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933)
- Garcia-Roza, L.A. (1998) *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L.A. (2008) *Introdução à Metapsicologia Freudiana (V.3)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gil, A.C. (2002) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A.C. (1991) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3ed. São Paulo: Atlas.
- Gondim, L.M.P. (2002) *A Pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. João Pessoa: Manufatura.
- Koche, J.C. (2002) *Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. 20ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Lacan, J. (1988) *As psicoses*. (O Seminário 3). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1955-56)
- Lacan, J. (1995) *A relação de objeto*. (Seminário 4) Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1956-57).
- Lacan, J. (1998a) *A Significação do Falo*. (Escritos) (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962).
- Lacan, J. (1998b). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (O Seminário 11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1999) *As formações do inconsciente*. (Seminário 5). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Originalmente publicado em 1957-58)
- Mannoni, M. (1999). *Elas não sabem o que dizem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- Mapurunga, J. (2004). *TPM Tensão, paixão e mal-estar: a subjetivação de uma mulher em tensão pré-menstrual*. São Paulo: Escuta.
- Menezes, M.R.B. (2005). *O espetáculo da morte e o valor do próximo na atualidade: o crime da cocada*. Dissertação de mestrado com orientação do Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro da Universidade de Fortaleza, UNIFOR. Fortaleza, Ceará.
- Minayo, C. de S. (1994) *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde* (3ed.). São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec – Abrasco.
- Nasio, J.D. (1993) *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Nasio, J.D. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pomier, G. (1991) *A Exceção Feminina – os impasses do gozo*. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rabinovich, D. (2005) *A Significação do Falo. Uma leitura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rudge, A.M. (1998) *Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safouan, M. (1997). *A Sexualidade Feminina na Doutrina Freudiana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Gradiva.
- Vorcaro, A.M.R. (1997). *A Criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Zalcborg, M. (2003). *A Relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier.

ANEXOS

Roteiro de Entrevista

1. Quais as relações na família, com amigos ou outras, mantidas na sua infância que você gostaria de comentar?
2. Quais acontecimentos ou lembranças você acha que foram importantes para sua vida?
3. Agora você pode comentar um pouco sobre suas lembranças da relação que manteve com a pessoa que cuidou mais de você?
4. Quem foi mais importante na sua vida no sentido de lhe dar segurança para enfrentar as dificuldades?
5. Quando você se encontra em situações difíceis a quem recorre ou gostaria de recorrer?
6. Esta pessoa ainda é a mesma ou se parece com a mais importante da sua vida?
7. Esperou muito por este momento, o de ter um filho?
8. Como recebeu a notícia da sua gravidez?
9. Como se deu a expectativa da chegada de outros filhos? (no caso de ter mais de um filho)
10. Quais as lembranças mais recorrentes do tempo em que você estava grávida?
11. O momento do nascimento lhe causou que tipo de sensação?
12. Com que pessoas você mais pode contar para o momento do parto?
13. Logo depois do parto, como você recebeu seu filho?
14. Teve algum tipo de problema de saúde ou de sentimento?
15. Quem mais se aproximou da criança após o nascimento, você e quem mais?
16. Você lembra nessa época quando você voltou a se interessar de novo pelo seu companheiro, marido e coltou a namorar?
17. Quem cuidou do seu filho? Teve ajuda de alguém para cuidar?
18. E financeiramente, contou com o apoio de alguém?
19. A criança correspondia ao que você esperava?
20. Que problemas ela apresentava e que lhe desagradava?
21. Você acha que a partir daí a relação entre vocês modificou?
22. Quando se tornou difícil continuar com seu filho?
23. Por que você pensou em entregar seu filho para a instituição?
24. Hoje, você se encontra bem?
25. Que pensa sobre o destino do seu filho?



**CARTA DE INFORMAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO**

Meu nome é Lilianny Loureiro Pontes, sou aluna do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e estou realizando a pesquisa "A Entrega do filho ao poder público – impasses do feminino à luz da Teoria do Falo", que trata da história de mães que entregam seus filhos ao poder público. Deste modo, venho solicitar sua colaboração para participar da pesquisa por meio de uma entrevista onde perguntarei sobre alguns aspectos que você considera importantes para a compreensão deste fenômeno.

Esclareço que:

- 1 – As informações coletadas nas entrevistas somente serão utilizadas para os objetivos da pesquisa;
- 2 – Você tem a liberdade de desistir em participar da pesquisa a qualquer momento, sem que lhe seja exigido motivo ou explicação;
- 3 – As informações ficarão em sigilo e seu anonimato será preservado;
- 4 – As entrevistas serão gravadas para que seja preservado com fidedignidade o conteúdo trazido pelo entrevistado (a).
- 5 – O local e horário escolhidos para a realização das entrevistas será determinado a partir da priorização feita por parte do entrevistado.
- 6 – Em nenhum momento, você terá prejuízo financeiro. Em caso de esclarecimento, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável:
Nome: Lilianny Loureiro Pontes. Fone: (85) 8617.1939
Ou, se houver dúvidas sobre a ética da pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unifor: Av. Washington Soares, 1321, 60811-341 Fortaleza – Ceará. coetica@unifor.br
- 7 – os riscos quanto à repercussão junto ao sujeito da pesquisa, em sua participação na entrevista, devem ser minimizados pelo esclarecimento dos objetivos, liberdade de aceitação/desistência e prévia autorização. Ainda assim, para qualquer eventualidade, o contato com o pesquisador fica acima registrado;
- 8 – os benefícios, para os participantes entrevistados, tratam de uma contribuição para um trabalho teórico, que espera acrescentar reflexões sobre uma problemática que causa dor neste que fala durante a entrevista. É uma maneira de aliar teoria a uma leitura do sofrimento dito por quem o vivencia.

Gostaria de colocar que sua participação será de extrema importância para nosso trabalho.

Dados do entrevistado:

Nome:

Endereço:

Telefone para contato:

Documento:

Declaro que, após os esclarecimentos dados pela pesquisadora, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado e ou responsável

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Defesa em Psicologia - COPISTA

DECLARAÇÃO

Declaramos à Coordenação do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza que a Dissertação intitulada **A Entrega do Filho ao Poder Público – impasses do feminino à luz da Teoria do Falo**, de autoria da aluna **Liliany Loureiro Pontes**, recebeu revisão gramatical, estando em conformidade com a norma culta da língua portuguesa.

Fortaleza, 22 de dezembro de 2009

Professor-revisor


Maria Célia Felismino Lima



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa – COÉTICA

PARECER Nº. 320/2009

Projeto de Pesquisa: Mães que rejeitam seus filhos: uma leitura pela teoria do falo.

Pesquisador Responsável: Liliany Loureiro Pontes

Data de apresentação ao COÉTICA: 11/08/09

Registro no COÉTICA: 09-339

CAAE: 3167.0.000.037-09

Parecer: APROVADO na data de 29/09/09

Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba

Prof. Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFOR – COÉTICA

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)